



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

GERUSA DREYER VIEIRA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães

Entrevistado - Gerusa DreyerVieira (GD)

Entrevistadores - Antônio Montenegro (AM) e Tânia Fernandes (TF)

Data - 01/01/1996

Local - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.

Duração –2h35min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

VIEIRA, Gerusa Dreyer. *Gerusa Dreyer Vieira. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães*, 1996. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 29p.

Sumário

Fita 1 - Lado A

Comentários sobre seu nascimento; a infância, o respeito à hierarquia; a curiosidade nata; a família e as dificuldades; o papel da mãe; os estudos; a doença do pai; o espírito dos avós; a filosofia de vida; as férias no interior; os estudos primários; o vestibular.

Fita 1 - Lado B

O acidente; a estada no hospital; os erros médicos e as consequências no nascimento da primeira filha; a leitura durante a convalescença; o ingresso na faculdade; o retorno ao hospital; o novo vestibular; sua relação com os pacientes; a convivência com a filariose; o primeiro contato com a doença; o ingresso no CPqAM; seus primeiros estudos da doença; o curso de psicologia; as aplicações do conhecimento psicológico; a relação com a cirurgia; a formação clínica; a ida aos EUA; o trabalho no Centro de Hemoterapia.

Fita 2 - Lado A

Os problemas durante a primeira gravidez; as dificuldades no parto; a filha recém-nascida e doente; a cura da filha; a terceira gravidez; o acidente que havia sofrido e os consequentes problemas; a recuperação; a reconstrução plástica da face; o ingresso no CPqAM; o processo de tratamento da filariose; a projeção internacional do trabalho; as pesquisas para a elaboração de uma vacina; a possibilidade de recuperação; a filariose; os problemas burocráticos; as dificuldades no estudo da filária; o ideal de uma organização.

Fita 2 - Lado B

A burocracia; a geografia da elefantíase; a erradicação no Sul do Brasil; o aspecto dos doentes; a repercussão da doença nas funções sexual e mental do paciente; a cura corporal e psicológica; a importância da urologia; repercussões sexuais; o sofrimento com a doença; a desvalorização do Nordeste brasileiro; a porcentagem de regressão da doença; a integração multidisciplinar; a importância da observação dos pacientes; a utilização da ultrassonografia; a observação clínica; a relação na equipe.

Fita 3 - Lado A

Reflexões sobre a morte; a continuidade da pesquisa; a comemoração pelos dez anos do programa; a convivência com Amaury Coutinho; a afeição recíproca entre os membros da equipe; sua relação com o trabalho; considerações sobre o trabalho do pesquisador; o doente no Centro de Pesquisas; considerações sobre a vida e a morte; a continuidade de seu trabalho.

Data: 01/01/1996

Fita 1 – Lado A¹

Introdução:

AM - “...Um do um de mil novecentos e noventa e seis para o projeto História e Memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães.”

AM - Gerusa, vamos, vamos começar, fita 1 e vamos começar com tuas lembranças...

GD - Bom, uma das coisas que eu sempre me lembro é que quando eu nasci, minha mãe me dizia que eu fui o bebê mais feio da maternidade e que eu parecia muito com o chamado Agamenon Magalhães na época. E o pessoal brincava muito, mas que eu fui realmente um bebê muito feio e a única coisa que chamava atenção era minhas pernas, que eram muito grossas e o pessoal dizia: “Bem, pelo menos tem alguma coisa para compensar” (...) E uma coisa também que me lembro muito é que eu era a menina mais obediente de todas as redondezas e minha mãe(...) Eu ficava na calçada, e com a boneca no braço e a boneca caía e eu era incapaz de sair para ir apanhá-la de tão(...) Como eu seguia as regras.

GD - Eu sou uma pessoa que eu desde pequena que eu respeito muito a hierarquia e as regras, desde que elas sejam explicadas, mostrando o que eu não posso fazer. Então, minha mãe dizia que era perigoso, que podia passar um carro ou qualquer coisa na época e podia me machucar. E aquilo tinha sentido para mim. E assim, eu acho que isso foi uma das coisas muito marcantes da minha vida, esse processo de obediência racional, então, desde que eu era muito pequenina que eu me lembro disso, que as pessoas as vezes me pediam coisas e se elas não me explicassem por que eu deveria fazer determinada coisa, eu realmente não obedecia. Mas, eu me tornava a pessoa mais dócil se eu incorporasse aquilo como uma coisa racional em minha cabeça.

GD - Uma coisa também que chama muito a atenção, assim, principalmente eu fazendo uma recordação com o tipo de carreira que eu segui. Eu sempre fui uma pessoa extremamente curiosa e minha mãe já me chamava de pequena cientista por que eu(...). Tudo meu tinha o que a gente chama hoje, que eu conheço, que é o chamado grupo controle. Então, tudo que eu fazia, as brincadeiras de bonecas, eu sempre tinha alguma coisa que fosse neutra para comparar o que eu estava obtendo na época. Então, isso foi uma coisa que marcou demais a, assim, minha infância em termos dos outros observarem isso e as pessoas dizerem: “Você vai ser cientista quando crescer. Você vai ser cientista quando crescer”.

GD - Só que a gente veio de uma família muito pobre, meus pais imigrantes, minha mãe filha de alemães e meu pai romeno. Vieram para cá na Segunda Guerra Mundial, meus avós e a gente sempre

¹ Legendas:

(?) - trechos, expressões ou palavras ininteligíveis ou inaudíveis

(...) - pausas curtas durante a entrevista

(..) (...) - pausas longas durante a entrevista

(int) - interrupção da gravação

italico - palavras ou expressões citadas em língua estrangeira

“aspas” - citações, títulos de obras ou palavras inexistentes oficialmente

foi muito pobre, passamos por dificuldades financeiras muito, muito grande e hoje, eu sou uma pessoa que eu sei qual a diferença entre apetite e fome, né, então, hoje as pessoas quando: “Estou morrendo de fome”. Eu digo: Não diga isso você teve pelo menos a última refeição (...). Que realmente é uma coisa muito (...) Que dói muito. A fome, não só a dor física que realmente ela incomoda muito, mas a dor do significado dela, de não ter o alimento para comer.

GD - E minha mãe, ela funcionária pública, sempre a única coisa que ela tinha mais cuidado era guardar o leite do menor. Então, sempre o que nascia tinha prioridade porque era o menor, precisava de mais cuidado e ela sempre garantia o leite. No final do mês ela saía, comprava o que o dinheiro dela dava de leite e o resto a gente se virava fazendo serviços para fora, lavando casas, lavando banheiro e fazendo pães, costurando e fazendo uma série de coisas que era que agente conseguia manter.

GD - E uma das coisas que hoje marca muito a minha vida com os meus filhos é o excesso de vida boa que eles têm, independente da minha situação classe média, baixa, né, apesar de ser pesquisadora e trabalhar na FIOCRUZ, o salário é muito, muito pouco para que agente sobreviva.

GD - E, por exemplo, caderno a gente não tinha, então agente fazia tudo em papel de embrulho. Então, os meus cadernos eram muito organizados, né, a gente grampeava(...) e(...) assim a gente ia (...) levando a coisa. Sempre estudei em colégio de estado, nós nunca tivemos condições de estudar em colégio particular, e nunca fiz cursinho para o vestibular porque a gente não tinha condições; então, a gente tinha que estudar mesmo, ir nas bibliotecas pegar os livros(...) e trabalhar em cima disso. A gente nunca tinha direito a apostilas, por exemplo, que os cursinhos distribuía, isso tudo. A gente tinha que ir para as coisas não bizuradas, né(...) e trabalhar um bocado. E assim,(?) nós somos cinco e desde os quatorze anos de idade que eu trabalho para trazer dinheiro para casa e todos os meus irmãos seguiram a mesma linha, né. A medida que a gente tinha um certo desempenho, em termos de falar, em se comunicar, de trabalho braçal mesmo, a gente passava a trabalhar e ajudava em casa, porque meu pai, ele adoeceu de uma doença muito severa e ficou sem poder trabalhar quando agente ainda era muito pequeno, então minha mãe funcionária pública era quem levava a casa, além de todos os remédios quem comprar para o meu pai, ainda tinha que sustentar toda a família(...), e Mas, a coisa deu para se levantar, uma união muito grande.

GD - O espírito dos meus avós foi talvez (...) o exemplo mais marcante na minha vida e talvez tenha me(...) A força de trabalho, principalmente da minha avó, uma mulher que veio da Alemanha sem saber ler(...), né, e aprendeu a língua portuguesa, aprendendo a ler em português. Então, ela pegava os jornais e sozinha ela tinha, basicamente ela não tinha nem o curso primário na Alemanha; fugiram muito cedo e lá também passavam muitas dificuldades(...) E eles aprenderam a língua portuguesa e ela falava praticamente sem sotaque, mas ela aprendeu por conta própria e a tenacidade dela era um negócio impressionante. E ela me ensinou muitas coisas(...) e dentre as regras que talvez nos fez sobreviver bem foi(...) Quer dizer, passar todos os obstáculos é que nossa família tinha várias regras, uma delas era: “Problema apareceu resolveu”. Então, não importava(...) é, tinha que se resolver. Não se sabia como, a gente tinha que desafiar a nossa cabeça, o que a gente tinha na mão, mas o problema tinha que ser resolvido. O problema ele não podia ser deixado para depois. Então, isso foi uma coisa que tornou a gente muito, com muita iniciativa(...) de tentar resolver tudo. E outra coisa que foi herdado, talvez, do tempo da guerra que meus avós passaram e meus pais também é que existia uma frase que dizia assim: “Tem bombardeio?” Então, se a resposta fosse positiva é porque o negócio realmente era grave. Então, era um código que a gente tinha se uma situação acontecia e perguntou: “Tem bombardeio?” Se a gente disser tem, então toda a família se mobilizava que realmente a coisa era muito grave. Mas, felizmente a gente sabia tanto o significado disso que raras foram as vezes que a gente disse: “Tem bombardeio”. E

uma das vezes que eu(...) depois que eu comecei a viajar muito pela Organização Mundial de Saúde, uma das vezes eu perdi as malas, fui roubada no aeroporto com meu passaporte(...) fiquei absolutamente desorientada. Fazia 48 horas que estava viajando, estava muito cansada, uma enxaqueca terrível e eu me lembrei da minha mãe, me sentei no chão do aeroporto, comecei a chorar e disse: Meu deus, que bombardeio. Então, eu fiquei absolutamente é (int) e interessante quando a gente era pequeno para meus avós explicar a gente o que era bombardeio, eles realmente reproduziram as cenas quando não tinha abrigo antiaéreo e não adiantava, por mais que você corresse, você podia ficar embaixo de carro. A coisa realmente era muito destrutiva, e não tinha como você se defender. E uma das coisas que me marcaram muito era que ela dizia: “Sempre quando houver uma situação dessa, você nunca se deite no chão. Extrapolando para vida, você sempre se mantenha em pé porque a área que o bombardeio pode lhe atingir será menor se você só tiver sua cabeça em vez de ter o seu corpo todo”. Extrapolando para vida ela ensinava a gente, na linguagem da gente, dizia que a gente nunca se abaixasse, nunca se expusesse. A gente por qualquer situação, por pior que seja, a gente sempre tenta se manter de pé(...) não caísse, porque as vezes para se levantar era muito difícil. Então, se a gente pudesse, mesmo tivesse um apoio, se apoiar, poder não cair. Então isso ajudou muito. A gente sempre usava muito coisas figurativas. A família sempre era muito rica nesse sentido. Então, eu acho que eu fui muito felizada de ter nascido em uma família que tinha(...), é, uma estrutura emocional(...) de valores bem diferentes dos materiais que a gente conhecia. Então, isso realmente(...) Meus pais(...)

GD - Minha mãe quando era pequena ela morava no interior com a minha avó. Era um interior junto de Palmares, quer dizer, não era nem uma cidade, era um lugarejo. Eles tinham um pedaço de terra. Eu ficava basicamente encantada como eles conseguiam tirar tanto da terra, e isso, foi uma coisa muito importante para mim. O florescer, o nascer, né, depois que você planta e dá água e prepara a terra. Isso foi uma coisa realmente muito gratificante e a gente tinha uma lei dentro de casa que se chamava desperdício igual a zero. Então, a gente(...) Eles me ensinaram a diferença entre o que era ser mesquinho e o que era ser econômico. Então, uma coisa é você ser realmente mesquinho, você guardar(...) o pouco por mesquinhez, não distribuir, não compartilhar por mesquinhez e outra coisa é você ser econômica. E, ao lado disso, a sensação de que o desperdício é uma das piores coisas que uma pessoa pode aprender na vida. É não valorizar aquilo que a natureza dá e eles sempre me diziam que a natureza não dá nada de graça, nem o sol que você recebe é de graça, então tudo é uma troca. Então, a gente deveria, nessa troca, evitar o desperdício. Isso era desde uma folha de papel até talvez o corte de uma roupa que você sempre se pudesse aproveitar um pedacinho de pano, alguma coisa porque isso mais tarde poderia vir a ser vir a servir a você ou a outra pessoa. E esse ensinamento foi extrapolado para muito mais como que você não economize só o que é seu, economize principalmente o que é dos outros. Tenha o respeito pelo que é dos outros, como sair de um lugar e apagar a luz, tentar ver se a torneira está bem fechada. Esta história de não é meu, não é teu, deixa para lá. Então, isso daí, eu acho que todos os irmãos cresceram nessa linha de raciocínio e eu acho que a genética é importante, mas o meio ambiente ele contribui com uma parte muito grande do exemplo. Se bem que se geneticamente você não for predisposta a ser uma pessoa de boa índole, tudo, toda a coisa fica meio difícil, mas se tiver a complementaridade entre uma genética que você possa ser acessível e um ensinamento(...). É correto, leal, né?

GD - Uma das coisas também que me impressionou muito e que me refletiu na minha vida futura, principalmente com meus filhos, era que existia outra regra, era proibido mentir. Então, acontecesse o que acontecesse, a mentira era absolutamente imperdoável. Porém, existia certas situações(...) que a exceção tinha que caber, era chamada mentira branca. Então, é, muitas vezes a criança ela não pode receber a verdade da maneira como ela é, então havia uma permissão para não é(...). Não mentir, não é que se mentisse propriamente dito, mas muitas vezes a verdade fosse omitida. Não houvesse uma

mentira, mas a verdade não fosse totalmente liberada. E isso eu incorporei com muita garra e extrapolei muito para minha vida profissional. Existe uma regra básica com meus doentes que aconteça o que acontecer, a gente não mente para eles. Em algumas situações a gente pode omitir a verdade, na medida que eles se tornem incapaz de receber a coisa da maneira grosseira, monstruosa como ela é. Mas, então isso dá uma facilidade, uma harmonia muito grande no trabalho com os doentes. Os doentes confiam na gente porque a mesma coisa dita por mim, por Júnior, por Luís pela pessoa que atende lá fora. Então, existe uma homogeneidade e eu acho que isso na cabeça de uma pessoa que está em formação ou de um paciente que é atendido, eu acho que(...). Que isso conta como uma das coisas mais importantes da vida. E(...) é, são coisas assim que eu me lembro e hoje graças a educação que eu tive eu consegui, eu acho que consegui, uma educação dos meus filhos muito, muito similar a que eu tive. Aí eu tive muita sorte deles serem talvez geneticamente susceptíveis a serem educados e isso me deu a liberdade de fazê-los.

GD - Uma outra coisa também muito importante é o que nós chamamos superproteção, então na nossa família isso não existia. Na realidade(...) sempre minha avó e minha mãe diziam que o mais amado é aquele que tá longe ou que tá doente, então sempre havia um revezamento. Toda vez o que adoecia era o que os pais gostavam mais. Então isso foi uma lição de vida muito importante desse revezamento de afeição ou de proteção. Uma coisa que foi muito bem estabelecida era chamada superproteção, que isso realmente não existia. Então, vou dar um exemplo muito prático que eu extrapolei para minha vida onde eu ia a festinhas de aniversários com meus filhos, meu filho pequeno chegava e dizia: “Mami, eu queria tomar um refrigerante, eu estou com sede”. Eu dizia: Você vá procurar, tem a cozinha ali, tem a pessoa que tá servindo, você vá e se vire por que você não vai ter mami a vida toda para ir buscar um refrigerante para você. E as pessoas, isso só um exemplo muito, é, pequeno, interpretavam muito mal, em termos de dizer: “Gerusa, isso é uma coisa tão simples, você não pode se levantar e resolver e ir buscar, uma criança pequena” Mas foi criado nesse sentido que meus pais, meu avós sempre diziam: “Você quer, você vai e resolve. Não espere por ninguém nem peça ajuda de ninguém esperando que você só consegue aquilo que você quer se alguém fizer por você”. Então, isso foi uma coisa muito marcante e hoje, meus dois filhos eles são capazes de falar com qualquer pessoa, entrar em qualquer lugar, fazer qualquer coisa que vocês possam imaginar sem absolutamente nenhuma intimidação. E isso ficou marcante também em todos os irmãos e eu acho que foi por causa disso que a gente conseguiu sobreviver, porque(...), é, nesse país existe muito o chamado quem indicou, então, por exemplo, estágios que a gente precisava, qualquer coisa eles chegavam: “Mas você foi mandado por quem?” Não, eu não eu fui mandada por ninguém, e tentar convencer o cara que a gente merecia o estágio ou(...) a possibilidade de ter alguma coisa por mérito próprio. E assim foi sucedendo. Deixa eu baixar um pouquinho o ar condicionado.

GD - Bom, e a coisa mais marcante na gente era que nós éramos uma família muito pequena e o respeito mútuo era muito grande, é muito grande, então, a gente não se aproveitava o fato de ser família ou da gente saber que alguém gosta mais da gente, da gente poder magoar, então esse conceito foi muito, é muito explícito(...), é, dizendo o seguinte: “Se você....Quanto mais você goste menos você magoe”. Você não use do pressuposto de que alguém lhe ama muito e que vai lhe perdoar simplesmente. Você simplesmente magoar as pessoas. Isso foi uma coisa muito importante porque eu acho que o respeito mãe e filho, filho e mãe, irmão e irmã, isso realmente dá fortaleza do relacionamento humano. Isso se foi extrapolado(...), é, para vida cotidiana, com pessoas que nos cercam(...). Bom eu, eu acho que vai ser muito difícil vocês fazerem porque a gente vai e volta, vai e volta porque(...), né.

GD - Bom finalmente eu fui a primogênita e(...) talvez eu tenha sofrido a maior carga de todas as coisas ruins e boas também em termos de ficar mais tempo acompanhando(..) os irmãos e(...) Bom, finalmente eu decidi fazer medicina, tentar o vestibular.

TF - Você nasceu no interior?

GD - Não, não. Eu nasci aqui no Recife, mas eu passava as férias lá no interior que era para mim(...) foi talvez as melhores recordações que eu tenho da minha infância era com os meus avós. Muito no contato com a terra, sem luz, no candeeiro de noite. Na hora que amanhecia você acordar com as galinhas, ver o sol nascer todos os dias com aquela(...). No despertar meu avô me levava e me mostrava o orvalho(...) e coisas assim. Acompanhava o crescimento das plantinhas, né. Isso foi incorporando o conceito de vida, o conceito de morte, uma série de coisas que(...) é importante para a formação das pessoas. Que hoje eu acho que isso tá tão negligenciado, que o tempo é tão corrido, o modernismo é tão grande que você só vê o nascer e o morrer esquece o processo em preparar para o nascimento e para a morte. Então isso realmente é(...) uma coisa que nos tempos de hoje as crianças estão perdendo muito e os adultos se esqueceram(...). Está tão no baú que para rebuscar vai ter que tirar tanta coisa que não vale a pena.

AM - Você estudou o primário aonde?

GD - Eu estudei o primário na escola pública. Tanto tempo que eu nem me lembro o nome dela. Mas, tudo foi... Minha mãe funcionária pública tinha uma certa regalia, digamos assim, de sempre se encontrar vaga para gente, que na época já tinha muitos problemas de vaga, tinha muitos colegas meus que ficavam fora da escola. Mas como minha mãe era funcionária estadual, ela sempre tinha a possibilidade de nos matricular, então a gente nunca perdeu.

TF - Ela trabalhava aonde?

GD - Ela trabalhava no Centro de Saúde Gouveia de Barros. Ela fazia a parte toda, ajudava os médicos na parte, com os pacientes tuberculosos. E eu me lembro muito que...

TF - Ela tinha formação?

GD - Não. Na época, ela casou, ela fez vestibular passou em biblioteconomia. Ela queria fazer medicina. Minha mãe realmente, eu acho que hoje ela seria uma das maiores cirurgiãs do mundo. Ela(...) teve que trabalhar, meu pai adoeceu logo depois que eles casaram e ela teve que assumir tudo, teve que deixar de estudar e a partir daí a luta foi muito grande. Família muito pequena, muito pobre, não tinha como um ajudar o outro no sentido financeiro. Então, ela teve que deixar tudo e depois de muitos anos quando todos os filhos já estavam formados, quando a última se formou, ela voltou a estudar. Fez enfermagem, trabalhou. Hoje ela tá aposentada, mas ela trabalhou durante muitos anos como enfermeira, e o desempenho dela era fantástico porque na realidade ela tinha talento realmente para ser cirurgiã. Ela fazia sutura e improvisava. Ela tem uma capacidade com as mãos muito grande. Engraçado é que(...), é, minha mãe tem dois irmãos, um homem e uma outra mulher, minha tia e personalidades completamente diferentes. Uma coisa que me chama muito atenção é que minha mãe é uma mulher do campo, mulher que ela se descrevia como rude porque ela não gostava de ler, ler poesia, por exemplo, mas ela(...) o negócio dela era resolver. Uma coisa que estava quebrada, uma coisa que estava mal feita ela ia consertar, ela pintava. Minha mãe ela faz marcenaria como ninguém, tá certo. Ela costura como ninguém. Ela faz trabalho pesado, assim ela conserta coisas. A capacidade dela

de consertar é muito grande. Tudo que ela vê de errado ela vai e conserta. E minha tia é uma mulher(...) muito fina, extremamente fina, muito culta lia demais poesias(...) enfim, não(...) conseguia fazer nada dentro de casa. Então, ela(...) cozinha muito bem. Toda minha família tem o dom de cozinhar muito bem, mas minha tia cozinha como ninguém e pinta que é um negócio extraordinário(...). E minha mãe depois de quase de sessenta anos, ela resolveu aprender piano, e(...) apesar de na família não ter ninguém com ouvido, a gente, nós somos muito desafinados, mas por alguma razão a gente gosta muito de música. A música foi muito cultivada desde criança, principalmente a música clássica(...) e ela hoje toca um piano que você não acredita. Absolutamente autodidata, não conhece as notas. Dificilmente(...) ela faz um esforço danado para compreender as partituras, mas ela senta no piano e toca que é uma coisa impressionante, impressionante. E ela agora, minha filha tá colocando na cabeça dela: “Voinha você tem que aprender um pouco de partitura, de tudo”, e ela tá aos poucos cedendo e tá vendo como é importante ela ter essa parte teórica. Mas realmente a meta dela, porque ela é uma mulher extremamente prática, foi a pessoa mais prática que eu conheci em toda a minha vida. Uma inteligência prática como ninguém. Infelizmente a diversidade da vida não permitiu que ela evoluísse, mas eu acho que ela conseguiu passar muita coisa para os filhos e para os netos também. Meus filhos hoje são privilegiados de tê-la ainda apesar de seus quase setenta anos, mas é uma mulher extremamente ativa, tem uma saúde muito boa, que isso foi uma coisa muito cultivada, não é? que eu aprendi que o verdadeiro tesouro está na saúde. Então(...), é, a coisa enquanto você tem saúde pode se considerar a pessoa mais feliz do mundo, não precisa de outra coisa para poder ter sua felicidade, porque quem tem doença realmente em casa, quem sabe como as coisas são... como você deixa de viver a vida, de participar de se doar, de fazer por causa que o corpo não funciona bem, então isso foi uma coisa a gente dá muito valor. Ninguém fuma, a bebida só socialmente de alguns membros porque nós... Não sei deve ter uma herança porque a gente parece que tem a falta de uma enzima, eu mesma não consigo beber absolutamente nada, nada, nada, nada. Isso para mim foi muito importante porque eu consigo participar das festas sem estar sobre o efeito do álcool, não é, para mim, isso me dá uma realidade de vida diferente porque como as pessoas distorcem, como as pessoas se tornam diferentes, como as pessoas liberam coisas que na realidade elas não podem falar quando não estão sob o efeito do álcool, então isso para mim o fato de não ter condição de beber, eu me considero uma pessoa privilegiada de poder participar das coisas conscientemente, só ir até onde eu estou tendo realmente prazer, a participação, né, e não me iludir, digamos assim, com o falso prazer da bebida e depois vem as ressacas, os arrependimentos(...) então minha família é muito comedida neste sentido. Foi uma coisa que a gente aprendeu muito. Existiu um alcoólatra na família e isso marcou muito e minha avó sempre dizia: “Olhe vocês tenham cuidado porque uma coisa que realmente toma conta”. E depois eu fui aprender que a capacidade de você se tornar um alcoólatra é igual a de se tornar viciado em droga; você só é se você tiver condições e não porque você quer. É preciso ter uma predisposição, né, e aí eu queria chegar ao ponto quando eu tinha dezoito anos, que eu passei em medicina, fiquei muito feliz e fui descansar. Eu trabalhei muito, estudava muito e fui para o interior em casa de uns amigos e na volta tive a falta de sorte...

Fita 1 – Lado B

GD - Eu acho que a única coisa que foi poupada foi o meu cérebro, mas meu rosto foi completamente destruído, meu braço também. Hoje eu tenho uma, uma prótese no meu braço esquerdo, e tive uma compressão da medula óssea que me deixou parálitica durante dois anos e aprendi muitas coisas, né. Fiquei hospitalizada um ano sem me levantar da cama e fui vítima das maiores hiatrogenias médicas que vocês imaginem.

GD - Passar um ano no hospital, erros em cima de erros, em cima de erros, em cima de erros, e o maior erro cometido é que eu recebi oito transfusões incompatíveis. Sou RH negativo e recebi oito transfusões positivas. Isso refletiu no final, na gestação da minha filha que ela nasceu severamente afetada e só foi descobrir depois que ela tinha nascido e(...) durante esse período de hospitalização eu acho que foi o estágio mais importante que eu fiz em medicina, que foi aprender tudo que o médico não deve fazer, não o que ele deve fazer porque aí a escola, a universidade ia me ensinar, mas a universidade não ensina o que o médico não deve fazer, e eu aprendi isso na pele, né, todas as coisas erradas, todas as faltas de atenção, todas as grosserias e, enfim(...). Mas, é, inclusive durante o período que eu estava hospitalizada eu(...) (...)

GD - Bom, quando eu estava hospitalizada, eu tive a oportunidade de ler um livro, é, que dizia o seguinte: era a história de 2 generais, então eles tinham cada um 100 homens e foram para guerra e resumindo, um deles, o general A fez uma manobra que perdeu 95% dos homens e o general B fez uma manobra que não perdeu, que praticamente não houve perda e voltou como vitorioso, né. Na realidade, ele não ganhou a batalha, mas o fato dele não ter tido perdas, ele voltou e foi aclamado e houve um julgamento desse general A e ele foi condenado á corte marcial, e ele pediu, se levantou e pediu para se defender, porque todo o julgamento foi feito comparando o general A com o general B. Todo. Então, o general A disse: “Bom, eu admitia ser julgado, ser comparado(...)se então tivéssemos nascido dos mesmos pais, comido a mesma comida, lido as mesmas poesias e amado o mesmo Deus, aí a gente poderia ser comparados. Então, isso foi uma coisa e esse general ele foi absolvido. Então, isso foi uma coisa que a minha interpretação foi muito grande em relação a isso e a partir desse dia eu passei a exigir muito menos das pessoas, no sentido de só exigir aquilo que elas tem realmente condições de lhe dar. Então, se uma pessoa é muito grosseira com você, ela talvez esteja tão carente, na realidade, né, de um apoio, de uma coisa que você não adianta que você não vai conseguir tirar água de um lugar que não tem água, né? Então, não é possível. Então, isso, eu compreendi muito e foi por isso que eu consegui aceitar muitos dos erros médicos durante o restante do tempo que eu passei no hospital. Mas, pelo menos eu aprendi, eu os perdoei, mas eu aprendi o que não deve ser feito.

GD - Então, uma perspectiva danada, né, jovem, passei em medicina, comecei a frequentar o curso numa cadeira de rodas(...) e tive um amigo muito importante na minha vida, estudante também como eu, que me ajudava muito, me transportava e ele realmente me ajudou muito nessa época(...) e eu consegui levar o curso. Mas aí, eu tive que(...). Na minha última transfusão de sangue eu contrai uma hepatite muito(...) Chamada hepatite quase fulminante e eu tive que parar todas as atividades. Eu passei quatro meses praticamente, eu entrei em coma hepático, o pessoal achava que realmente eu não ia sobreviver. Então, eu passei quatro meses, além de um ano que eu estava no hospital, passei mais quatro meses sem fazer nada, na cama, então isso fez com que eu perdesse o ano e quando eu fui me matricular novamente em medicina, quando eu saí bem, o diretor da escola disse: “Bom, você não pode se matricular em medicina. Você perdeu, você não tem mais chance. Você pode entrar em enfermagem, odontologia, nutrição, o que você quiser eu arranjo para você entrar, mas medicina você não pode”. Mas eu só quero medicina. “Mas você não pode fazer”. Eu acho que raras foram as pessoas no mundo que fizeram vestibular, passaram naquilo que quiseram e tiveram que fazer novo vestibular para conseguir ficar onde está, né. Aí começar tudo de novo, estudar tudo de novo, né. A minha vontade de ser médica era tão grande que todo mundo: ”Gerusa se matricule. O importante é você ter um curso superior. Não vá(...)Você quer fazer pesquisa, qualquer curso dá direito a pesquisa não tem problema, qualquer curso universitário”. Mas, o que eu queria mesmo era cuidar de gente, do ponto de vista médico, assumir o paciente.

GD - Aí felizmente fiz vestibular de novo e consegui passar, não é, e fiz um curso médico muito atribulado, do ponto de vista que eu não decorava as coisas. Eu sou uma pessoa que eu tenho memória pior que vocês possam imaginar, pior, pior, pior, pior. O negócio é assim impressionante, eu não decoro um número de telefone. Agora(...) meu paciente ele pode passar 10 anos sem eu vê-lo, na hora em que ele entra pela porta eu sei exatamente quem ele é, o caso que ele teve, enfim, porque o meu envolvimento com cada doente é muito único, é como se ele fosse guardado em compartimento blindado, que não sofresse ação do tempo, que não sofresse ação de nada. Então, a minha relação com o doente é muito forte, muito forte mesmo, e eu acho que o inverso também acontece. A relação do doente comigo também é extremamente forte, tanto é que o que nós conseguimos em pesquisa de ser humano é um negócio que lugar nenhum no mundo tem. A relação médico-paciente aqui, os especialistas já vieram, a OMS já veio, tudo, não existe, a confiabilidade, a relação é um negócio extremamente diferente. A gente consegue fazer coisas assim impressionante, o doente meu... Para vocês terem uma ideia, o sistema de resgate aqui é muito pequeno, o doente ele volta, ele vem a pé de Olinda, ele sai de 3 horas da manhã a pé, porque ele não tem a passagem, mas ele vem para consulta que eu marquei. Se estiver chovendo ele vem na chuva, ele não falta ao agendamento, é muito raro ele faltar. É preciso ser caso de morte ou doença grave para ele não poder vir. Então(...) essa relação é muito, muito forte que a gente tem com(...) que eu tenho com o doente e vice-versa. Então, eu acho que isso foi uma das coisas ...

GD - Eu gosto de gente, eu jamais poderia trabalhar num laboratório entre quatro paredes. Eu gosto da... eu acho que eu compreendi a justificativa(...) o viver é exatamente estar respaldado(...) o sentido da vida tá respaldado no relacionamento interpessoal. Só isso justifica, vale a pena, porque eu sempre tive muitas encucações, como é que a natureza prepara uma pessoa, o que ela gasta preparando uma pessoa, para chegar por exemplo na mocidade, quando a gente atinge a maturidade(...) início de sabedoria e o poder, que é na hora em que você consegue ter o poder, que você consegue ter o *Grant*, que você consegue ter(...). As pessoas lhe respeitarem e a partir daí, a natureza ou ela é burra ou ela é ingrata. EU não sei o que é que acontece que quando uma pessoa tá apta a começar a realmente produzir em todos os sentidos, a saúde começa a declinar. Então, você começa com o *Parkson*, você começa com diabetes tardio, você começa com o problema de osso, osteoporose que começa a limitar a sua ação física e a cabeça a mil, tá certo? Então, eu realmente, eu ... Para mim era muito difícil, é, aceitar que a natureza não estava sendo coerente. Em preparar são(...) Metade da vida, mais da metade ela prepara. A natureza usufrui muito pouco da fase da gente de clareza, sabedoria e poder.

GD - Mas, com o relacionamento interpessoal eu consegui ver que o sentido da vida tá aí. Não é outra coisa, né. São os momentos de compartilhar que você tem, momentos extremamente mágicos que você tem na vida com as outras pessoas. Encontros assim de(...). Eu fui uma pessoa extremamente felizarda porque eu consegui uma doença, trabalhar numa doença chamada mundo de ninguém, só atingia pessoas pobres, né, e apesar disso eu conseguir me encontrar com pessoas que justificam qualquer coisa, qualquer coisa em termos de riqueza emocional. É um negócio assim(...) E eu me considero extremamente felizarda de ter tido a oportunidade de nesse caminhar todo ter encontrado pessoas que justificam qualquer coisa. E o que eu tenho aprendido com elas e principalmente com o meu doente ... vocês imaginem o que é ter uma pessoa com elefantíase de perna que começou aos dezessete anos e hoje ela tem sessenta anos de idade, tá certo? E chegar para mim e dizer: “Eu sou feliz”. Vejam a condição(...). Hoje a gente tem pessoas bonitas, ricas, que dizendo: “Olha eu agradeço a Deus de ter nascido, de ter vivido, de ter conhecido, de poder ter me casado com uma pessoa que me ama em relação ... independente da minha perna”. Essa foi a minha primeira doente de elefantíase que eu tive. Dona Maria José ela tinha os olhos verdes, ela deve ter sido uma mulher muito bonita. E realmente, perna dela é um negócio tão feio, né, que na realidade torna-se agradável. Ela nunca colocou uma calça

comprida para esconder a perna, nunca. A aceitação dela com aquilo, ela disse: “Eu estou entregando o meu corpo para senhora fazer pesquisa. O que a senhora quiser. Se a senhora quiser tirar a minha perna, a senhora tira, se eu puder evitar que outras pessoas tenham o que eu tenho, porque talvez as outras pessoas jovens não tenham a capacidade que eu tive de superar o problema”. E realmente não têm. Hoje uma coisa que estressa muito a gente quando chega jovem e sabe que dificilmente vai casar, que as coisas mudam muito. Pessoas deformadas, nós trabalhamos com pessoas que fedem, tá certo. A elefantíase ela tem o cheiro da morte, pessoas em decomposição. Então, o paciente chega no serviço, eles cheiram mal, ele são marginalizados, as pessoas, os familiares não querem e a gente descobriu uma maneira de tirar esse cheiro deles, certo? Hoje os pacientes eles(...) é, Uma coisa muito importante que eu preciso dizer a vocês é como eu me dediquei a filariose.

GD - Quando eu fazia o quarto ano médico eu vi o primeiro doente de elefantíase. Era uma mulher. Eu fiquei tão chocada que me perturbou demais aquele dia e eu perguntei ao médico assistente, ao meu professor eu disse: professor o que é que a gente pode fazer por essa doente? E ele disse: “Nada minha filha. Não se preocupe que isso é um problema político e a gente não pode fazer nada”. Aí, antes de terminar a consulta eu disse: “professor o que é que a gente pode fazer para evitar que outras pessoas cheguem a esse estado?” Ele disse: “Nada minha filha. Não se preocupe com isso por que isso está além de nós médicos. Isso é um problema político, a filariose é uma doença que existe nas áreas carentes e a política é que vai resolver”. Eu fazia quarto ano médico, nesse dia eu deixei de assistir aula. No Pedro II, lá no hospital aonde eu estava tem uma área assim no meio, frondosa, eu me sentei ali e faltei todas as outras aulas, passei mais de quatro horas pensando o que era que eu ia fazer depois daquilo que eu tinha ouvido(...) e a partir daquele momento, eu resolvi estudar filariose. Ali foi marcado a minha(...) Eu não via mais nada na minha frente, nada. Tive promessas para ir para fora, muitas, é, fazer outras especialidades que davam dinheiro, que, enfim, mas eu não consegui. O que mais me impressionou é que eu sabia que para eu fazer pesquisa eu tinha que estar dentro de uma universidade ou num centro de pesquisas. E todos os concursos que eu fiz, eu não passei em nenhum. O meu desespero aumentando. O que era concurso para universidade eu fazia e não conseguia passar, nada.

TF - Você não tinha currículo?

GD - Para professor, para médico, para(...) eu já formada. Eu não conseguia passar. Fiz não sei quantos concursos, até que uma pessoa que ... Surgiu uma oportunidade deu para entrar como bolsista de projeto do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães e isso eu devo a uma pessoa chamada Alexandre Bezerra de Carvalho. Foi uma pessoa extremamente ... Para mim, eu acho que decidi meu curso de vida porque eu talvez eu ficasse ... Não pudesse fazer o nível de pesquisa que eu faço se eu não tivesse uma instituição para me respaldar. Eu poderia até montar alguma coisa muito pequena, mas eu não ia ter, eu não ia, talvez, chegar no tempo em que eu cheguei se não fosse a FIOCRUZ.

GD - Então, eu tive oportunidade, ele foi quem me indicou e logo depois, três ou quatro meses depois a Fio Cruz nos contratou. Isso foi em 83 e eu passei pelo menos dois anos estudando toda a literatura que tinha sobre a doença, toda. Eu não fiz mais nada e o pessoal dizia: “É, você só faz ler, só faz estudar. Trabalhar que é bom nada. Ganhando o dinheiro sem trabalhar”, tá certo.

GD - Levei mais seis meses para escrever o projeto. Escrevi um projeto com doze subprojetos. Há onze anos. Nós estamos fazendo dez anos de pesquisa e dos doze subprojetos nós já realizamos dez. Eu vi todas as lacunas que existia na literatura e construí o projeto. E ao longo desses dez anos a gente

conseguiu, é, fazer dez dos doze, né, um deles é a vacina. Eu não sei se vai ser a minha geração, talvez a geração seguinte é que vá conseguir, mas a gente vai conseguir(...) mas enfim (int).

GD - Bom, quando eu entrei na escola de medicina, recordando um pouco, os dois primeiros anos básicos foram muito fáceis, matérias teóricas, principalmente, é, fisiologia que era a matéria que eu mais gostava, foi fácil de levar. Mas na hora em que eu entrei na enfermagem para trabalhar com o doente, no terceiro ano médico (...) É preciso estar muito bem preparado. Eu acho que o estudante de medicina, ele não é devidamente preparado para trabalhar com o doente. Então, aquele doente grave, que já tem sido examinado por “N” estudantes, sofrido(...) o doente indigente, a peça que você diseca nos tanques formalizados. O questionamento que eu fazia se aquelas pessoas tinham se doado para estudo ou quem era aquelas pessoas. Então, aquilo me fez entrar num parafuso terrível, terrível, de eu não conseguir aceitar o sistema. Aí, conversando com a minha mãe, eu disse: minha mãe, eu estou pensando em fazer psicologia. Ela disse “mas você é louca, você já tem o curso médico”. Na época, eu era arrimo de família. Eu trabalhava num laboratório, eu dava plantão 48 horas, sábados e domingos direto. Eu não tive sábados e domingos durante, pelo menos, 8 anos. Eu não sabia o que era isso, todo mundo achava o final de semana uma beleza e eu não sabia o que era isso. Tinha desaprendido o que era final de semana e um plantão na quinta-feira. Então, eu tive que arrumar outro emprego, ganhar mais dinheiro para poder pagar a universidade porque eu não poderia fazer o curso de medicina na Federal e psicologia na Federal, porque os horários eles se chocavam e não tinha psicologia à noite na Federal, só em universidade particular. Mas, minha vontade foi tão grande que eu comecei a lavar banheiro, arrumar casa de noite, né, passar roupa e conseguir um dinheiro razoável e fui juntando durante um ano em que eu estudava também para o vestibular. Fiz vestibular de psicologia, passei e comecei a estudar e foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida foi o meu curso de psicologia.

GD - Eu quero dizer que o psicólogo, normalmente, são pessoas não muito fáceis de se lidar porque existe até um certo preconceito que o psicólogo, ele precisa entender de tudo, isso é, se a pessoa dá um sorriso para outra, tem que ter uma razão por trás. Eles são muito... achar que nada ocorre por acaso. Isso, às vezes, dificulta muito, o psicólogo, às vezes, ele tem uma cabeça muito ruim, ele não é uma pessoa, né, com raras exceções, mas eles às vezes, ele quer descomplicar tanto, tentando buscar explicações que ele na realidade, ele complica. Isso foi uma coisa que eu vi, eu era a mais madura da turma, eu já era bem mais velha quando eu fiz psicologia e o que mais me impressionou é que eu sempre passava por média e as outras alunas que só faziam estudar de noite, que não trabalhavam, que a escola era paga pelos pais, elas não conseguiam fazer a média que eu conseguia fazer. E a diferença era que eu tinha interesse realmente, em aprender, eu não estava ali para mais um curso, então a psicologia para mim não foi mais um curso universitário, foi realmente uma fonte de aprendizagem.

Foi com isso que eu consegui muita coisa, então eu passei a trabalhar muito meus doentes com testes, com joguinhos, eu bolava muitas coisas, eu fazia muitas coisas. Então, eu começava a, a levar alguma alegria a mais na minha presença para examiná-los com coisas desse tipo e realmente, eu acho que eu me sai muito bem. Então, quando eu tomava conta das enfermarias, quando os médicos chegavam para passar visita, todos os doentes já estavam tomados banhos, as camas limpas, as janelas abertas, o sol entrando. Eu chegava muito cedo, eu largava do plantão às 6 horas da manhã, então era direto para universidade, para o hospital, eu não ia para casa, eu era aluna que chegava mais cedo e motivava porque meus avós e meus pais sempre diziam que a limpeza é uma coisa muito fundamental, principalmente num doente, né. Aquele doente que tinha condição de se levantar e ir tomar o banho no chuveiro, eu fazia de tal maneira que ele ia tomar o banho no chuveiro em vez do banho no leito e isso fez toda uma diferença para os doentes. O que estava melhor limpava a cama do que estava mais doente e isso(...). As minhas enfermarias, que eu tomava conta, realmente era uma alegria. E final de semana eu sempre promovia visitas, ia buscar visitas de outros pacientes para aqueles que não recebiam

visitas. Então, eu fazia o maior(...) Verdadeiro(...) Confusão no hospital. Então, todos os doentes recebiam visitas, todos, independente deles não tiverem familiares, familiares terem esquecido. Então, isso me ajudou muito e a, a empatia com o doente e a troca de emoções foi uma coisa que marcou muito.

GD - A única coisa que eu não consegui fazer bem foi a parte cirúrgica, porque é outra coisa que eu acho uma falha muito grande do curso médico. A primeira vez que eu fui colocada numa sala de cirurgia foi com uma amputação de membro, então eu acho que não existe coisa mais grosseira, não sabe um açougue? Você esartejando um animal, um boi? É a mesma coisa. Então, eu me senti mal, eu desmaiei e aquilo foi chamado uma vergonha, que eu como estudante de medicina(...)Na época não foi a coisa muito bem administrada. Ainda tentei uma segunda vez, e dessa vez, foi no hospital do câncer e foi uma mastectomia e também realmente foi uma coisa muito grosseira, muito mutilante, muito, e eu desisti realmente da parte cirúrgica, que não era o que eu queria fazer, mas como formação geral eu achava que deveria. Então, eu investi em cada especialidade clínica e de laboratório eu fiz seis meses de estágio como se eu fosse fazer aquilo. Então, eu fiquei com a formação clínica muito boa. Na endocrinologia, fazia de conta que eu ia ser endocrinologista, eu sonhava, criava o meu sonho dizia: Geresa você vai ser endocrinologista, mas você vai ter que tirar o máximo, você vai ter que aprender o máximo dessa fase da sua vida. E assim foi oftalmologia, reumatologia, enfim, todas as especialidades eu realmente, eu(...)Mas, quando chegou no quinto ano médico eu me decepcionei muito com os professores, muito, muito, muito. A falta de compromisso deles com o aluno e com o doente foi de tal maneira, que ali resolvi trancar a escola. Eu não tinha mais condições de continuar. Eu me desencantei tanto que não tive mais condição.

GD - O que foi que eu fiz. Eu trabalhei, juntei dinheiro e fui para os EUA. Eu disse: Eu quero ver o lugar onde existe medicina de verdade. Eu quero saber como é. E tive a sorte de me submeter a uma espécie de concurso lá. Eu fui por conta própria e conhecendo lá, no Texas, a universidade, eles estavam na época fazendo um concurso para latino-americanos e eu entrei. Estudantes para curto período. E foi lá que eu descobri que a universidade não tá na universidade, a universidade tá dentro da gente. Então, realmente eu vi que o sistema aqui era muito ruim, mas os problemas que eu vi lá eram muito maiores na minha cabeça para contornar do que aqueles que existiam aqui, em termos de universo de formação de pessoas. Lá a frieza, a falta de identidade de(...) Era o paciente número 10. Isso, para mim, realmente, me perturbou muito a total(...) falta de(...), de identidade, era mais uma peça, era mais uma coisa. E foi lá que eu descobri que realmente a universidade estava dentro de mim. Voltei, abri minha matrícula e continuei(...) com aquele princípio de fazer a parte de filaríose.

GD - Como eu fiz todos os concursos e não consegui, fui para o lugar aonde eu poderia ficar mais perto do sistema linfático, digamos assim, que é a área que a filaríose atinge e tive muita sorte de ter(...) ficado num lugar de alto nível que foi o Centro de Hemoterapia daqui de Pernambuco. Nessa fase da minha vida eu engravei e passei muito mal durante a gestação e durante todo o processo gestacional me foi dito que eu estava...

Fita 2 – Lado A

GD - Bom, eu estou na minha gravidez(...) e eu já tinha ido aos Estados Unidos, tinha conhecido lá um sistema que eu não sabia porque eu tinha sido tão atraído, eu só soube depois que vou contar a vocês. Engravei e foi a pior fase da minha vida em termos de saúde. Eu sentia como se alguma coisa fosse

explodir dentro da minha barriga. Eu me sentia incomodada, é(...) desconfortável. E ao mesmo tempo, eu me(...) ficava num conflito muito grande porque a coisa que eu mais queria era uma filha, e eu tinha sonhado muito em ser mãe e queria realmente uma menina. Era o meu objetivo era ter a primeira, eu não sei se era pelo fato de ter sido a primogênita e ter ajudado tanto a minha mãe e meus irmãos, e a minha relação com a minha mãe é muito especial. E talvez isso tenha influenciado muito meu desejo de que meu primeiro filho fosse mulher.

GD - Mas enfim, levei a gestação com muita dificuldade. Eu edemaciei muito. No 5º mês, eu não podia mais me deitar porque a barriga era tão grande que o diafragma não podia abaixar, então eu tinha que me sentar para poder dormir. Eu não podia me deitar, se não, eu não respirava. E os médicos não encontravam nada de errado em mim e diziam que eu estava rejeitando o bebê, que eu não queria ter o bebê; minha família foi chamada, e dizendo: “Olha, ela tá passando pôr um processo, é(...) muito grave, de rejeição inconsciente do feto.” E eu só levei a gestação a termo porque realmente eu queria ter o bebê, porque a coisa era incrível, eu me sentia muito mal, tinha a sensação de morte iminente(...). Eu tinha um desconforto muito, muito grande. Mas enfim, eu queria ter um parto normal, fui preparada para tal e(...) uma coisa que eu me recordo muito, foi feito um bloqueio peridural em mim e na hora que a placenta saiu, eu comecei a me(...), a entrar em pânico porque eu disse: “Por favor, parem de me transfundir.” Aí o anestesista disse: “Você não está tendo transfusão.” E eu disse: “Eu estou tendo transfusão, vocês estão me transfundindo. Eu estou tendo a mesma sensação que eu tive quando eu tive o acidente e eu era transfundida”(…). Que era a pior coisa que eu passei no meu acidente foi os períodos de transfusão.”

GD - E eu comecei a brigar, pedindo para pararem a transfusão e o anestesista me dopou, me sedou, né? Eu não consegui ver o nascimento da minha filha. Foi na hora exatamente em que ela estava sendo aspirada. E depois de algum tempo eu acordei, minha mãe estava junto e eu disse: “Mamãe, por favor, tire o sangue que tá em mim.” E ela disse: “Minha filha, não tem sangue, é só soro.” Eu disse: “Mamãe, eu estou sendo transfundida.”

GD - Eu sei que nessa estória, vinham e me sanavam de novo, que eu estava com distúrbio de comportamento, etc, etc, etc... Então quando eu mandei buscar a minha filha, eu achei ela muito estranha. é(...) meu marido, ele tem ancestrais índios. Então ele tem(...), na genética dele existe a cor do índio. E todo mundo justificando que a cor da minha filha era porque geneticamente ela nasceu com a cor muito estranha. Ela muito grande e, é(...) eu muito curiosa, eu fui ver, eu queria ver a cor dos olhos da minha filha e quando eu abri os olhos dela, ela estava absolutamente toda amarelinha, bem ictérica. Eu mandei chamar o pediatra. Eu tinha feito um estágio nos Estados Unidos, exatamente vocês vão ver depois problema que ela teve. Eu chamei o pediatra e o pediatra disse: “Não Gerusa, isso não é nada...” Bom, fez a coisa toda e eu sei que a minha filha teve uma lesão cerebral muito séria, decorrente de mais um erro médico. Eu tinha sido sensibilizada anteriormente e ninguém sabia disso. Minha filha, RH positivo, tá certo? Então na hora que a placenta deslocou, o sangue dela passou para mim, então é, como se eu tivesse sido transfundida. Existe uma transfusão feto-materna durante a retirada da placenta, né. E aquilo foi muito amplificado porque o meu sistema imune já estava absolutamente hiper-imunizado contra o sangue RH positivo né. E levaram muito tempo para fazer o diagnóstico da minha filha porque todos os exames deram negativo. Existe um erro laboratorial muito grave que se você tiver excesso daquilo que você procurar, ele bloqueia, e é como se aquilo não existisse. Como foi feito mil e um diagnóstico para menina, eu sei que finalmente(...) uma pessoa que estava de fora(...) médico recém formado, pediu para tirar um exame do meu sangue, até então só tinham estudado a menina e o meu marido, não tinham tocado em mim(...). E ele mandou o resultado, selado, era mais ou menos meia-noite ele mesmo fez o teste, ele estava de plantão no hospital. Fez o teste e mandou para

mim o envelope selado, ele não veio me entregar. Quando eu abri(...) vocês sabem o que é, eu era a pessoa talvez no momento que mais entendesse daquele assunto: Era a incompatibilidade RH. Eu tinha feito esse estágio nos Estados Unidos antes de engravidar e como manusear as crianças em sequelas disso aí. Então, eu na hora tive um distúrbio realmente de comportamento, quebrei tudo que estava ao meu redor, certo? E a pessoa que veio me entregar disse: “Olhe, tá tudo resolvido, já descobriram o que Patrícia tem.” Entenderam o resultado, né? Quando eu abri, aí eu vi todo o erro que tinha sido passado pelo obstetra. Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo absolutamente tudo foi feito errado, né? E..., o problema é que minha filha ficou com lesão cerebral. E uma das sequelas chama choro ou grito encefálico, tá certo? Ela grita o tempo todo. E depois, mandaram eu ir para casa, tá certo? com minha filha e eu passei um mês, ela chorava de dia e de noite, vinte e quatro horas por dia, ela só parava de chorar na hora que ia mamar, mas mesmo assim engasgava, porque ela continuava a chorar.

GD - Os vizinhos não aguentavam mais, ninguém mais aguentava, eu não dormia, né? Eu caía de exausta. Então a gente revezava, meu irmão, minha mãe, meu marido, minha tia, então todo mundo tentava revezar, porque era o grito, o tempo todo ela chorava. Até que um dia(...) eu estava com ela no colo, eu abaixei a cabeça e de repente ela parou de chorar. Eu não conseguir me mexer, porque vai ver ela faleceu, né? De repente eu senti uma coisinha se mexer nas minhas pernas. Ela estava comigo nas pernas e eu estava virada assim para trás, e eu fiquei com medo de olhar para ela. E quando eu olhei para ela, ela estava com o semblante mais descansado do mundo, né? Dormiu em sono profundo(...) respirando normalmente, quentinha, coloração normal. Aí eu, vai ver que ela entrou em coma. Mas aí eu fiquei(...) de repente, eu senti um negócio quente na minha perna. Vocês acreditam que o que ela drenou de secreção purulenta do ouvido, um negócio nunca dantes visto. Quando eu chegava, porque eu fui várias vezes no hospital, especialmente durante a noite, ela gritava tanto que eu ia e diziam:” Lá vem a filha de Gerusa.” Todos os médicos se escondiam, quem ia me atender era o residente e dizia:” Olhe mãe, é assim mesmo.” Nunca, nunca, fizeram um exame de ouvido nessa menina, nada, ela realmente ficou com a sequela, tá certo? cerebral, mais o que sucedeu depois não foi consequência da doença, ela fez uma otite, o que ela drenou, ela drenou quase meio copo de secreção purulenta, para vocês terem uma idéia, e desde esse dia Patrícia nunca mais chorou. Dormia e comia, só que ela, né, atraso motor, ela teve a lesão cerebral, uma série de coisas, né? então, nós começamos a estimular, especialmente meu irmão, ele foi uma pessoa muito importante na minha vida, ele(...) achou que parte do cérebro de Patrícia que não tinha sido lesado poderia ser recuperado, e assim a gente fez. Hoje, a minha filha tem 17 anos, ela é considerada, não é nem normal, é superdotada. Ela foi tão estimulada, a gente conseguiu reverter a termos de distúrbio de linguagem seríssimo, não era para ela ter falado, ela ter andado, nós conseguimos reverter de tal maneira a coisa, a gente fazia exercício com ela, ela dormia duas horas por dia, de tão estimulada que ela era, de tudo que vocês possam imaginar. Para tentar recuperar parte do cérebro dela que não tinha sido lesado. E hoje ela é uma menina, que eu tive que dar um basta, porque com cinco anos eu dei alta a ela, com cinco anos de idade. Inclusive, quando eu vou para os médicos e tudo ela diz: “Olhe, essa aqui é a filha adotada de Gerusa.” Porque todo mundo acha que Patrícia morreu. Que eu adotei outra criança e chamei de Patrícia, tá entendendo?(...). Porque a coisa então, os cinco anos da minha vida, depois que Patrícia nasceu, foi dedicado a ela, para recuperá-la e quando ela estava ali, que achei que ela tivesse recuperada, voltei a seguir o meu caminho da filaríose.

GD - É, tentei mais um filho nesse intervalo, a criança chegou a morrer entre a “ultra”, porque Patrícia tinha estimulado tanto que não teve a sorte que Patrícia teve, foram oito anos de latência entre a primeira transfusão e ela ter nascido, mas ela tinha reestimulado meu sistema, então o primeiro bebê morreu entre a “ultra” de uma maneira terrível, e drópico, enfim. Mas aí, eu queria realmente outro filho e meu marido, ele foi tipado, ele era heterozigótico, ele tinha 50% de chance de ter um filho

negativo e assim eu fiz, porque eu queria saber o que era ser mãe normal. Eu não admitia, eu não passar pela vida e não saber o que era uma gravidez normal. Não curtir um filho numa barriga e isso eu realmente queria para mim, eu achava que tinha esse direito. E depois de reunir a família todinha, nós tentamos e no terceiro mês eu já sabia que Víctor era compatível. Eu tinha certeza que ele era RH negativo. Os médicos: “Não, não sei o que...”, “E me fizeram tudo, e o médico para assumir que não queria: “Gerusa, você é louca.” Eu digo: Eu cuido do menino, eu só quero que você faça o parto, deixa o resto que eu faço.

GD - Foi a melhor época da minha vida, foi quando eu estava grávida de Víctor. Eu trabalhei até no dia de ir para maternidade. Eu era uma mulher normal, feliz, bonita. Eu não engordei, quer dizer, eu não inchei, tá entendendo? Eu tinha uma vida, eu me sentia muito bem, fiz uma barriga bonita, eu fiquei, realmente eu achei que merecia saber o que era uma gravidez normal e eu me dei esse presente. Víctor nasceu, RH negativo, perfeito. Tive que realmente fazer a ligadura, porque aí era arriscado, demais, não precisava já, a natureza já tinha me dado muito, e hoje eu tenho dois filhos. E a coisa mais importante é a amizade entre os dois, é um negócio impressionante. Eu disse a cada um que cada um veio como prêmio para eles, né? Eu dei Víctor a Patrícia e dei Patrícia a Víctor. Expliquei a eles a situação em que eles nasceram e realmente o relacionamento entre eles é um negócio mágico, um negócio que ninguém acredita. O pessoal chega lá em casa e diz: “Gerusa, olhe, eu não vou nem dizer, porque o povo vai dizer que eu estou mentindo, porque isso é uma coisa que não existe.” Não existe de maneira nenhuma. O relacionamento deles é negócio fantástico. Como eles, porque os irmãos, geralmente eles brigam muito, todo mundo que eu vejo..., o que não aconteceu com a gente, a gente também teve essa magia do relacionamento, talvez pelas dificuldades, não sei...

GD - Mas enfim, hoje a minha filha é minha melhor amiga, superou a minha mãe. E realmente a minha melhor amiga era minha mãe e hoje é a minha filha. Ela conseguiu dar um passo em termos, eu converso hoje coisas com a minha filha que eu não converso com a minha mãe. Então, é, realmente a coisa foi muito, é(...) apesar, a única coisa que eu não passaria o meu acidente de novo era pela minha filha, pelo problema que eu tive, dos fatores de incompatibilidade. Mas durante todo o meu acidente, foi talvez, eu me feito gente pelo sofrimento, de ficar sem perspectiva de andar, uma jovem, eu era atleta, eu fazia pulo ornamental, eu nadava muito, eu jogava voleibol e de repente uma cadeira de rodas, sem perspectivas, mas, e ninguém achava que eu ia voltar a andar. E fiz bexiga neurológica, o que vocês imaginarem de complicações eu fiz, mas de repente meu dedão começou a mexer e eu achava que era reflexo, não sei o que, não sei o que, na verdade eu tive uma lesão pôr compressão. Eu tive um acidente, houve um hematoma, comprimiu a medula e eles achavam que não era recuperável. À medida que esse hematoma foi absorvendo houve uma auto-recuperação que(...), e hoje eu tenho(...) como você vê, eu voltei a andar, depois eu tive que aprender a andar, não sabia mais porque a prótese era muito pesada e me tirou o eixo. Então veio uma pessoa me ensinar como é que colocava um pé na frente e outro atrás para aprender a andar. Então tudo isso foi uma nova, não é, realidade que eu enfrentei e de maneira assim(...), extremamente renovada e feliz, e querendo lutar muito pela vida.

GD - Engraçado, que durante o meu acidente, eu tive várias paradas cardíacas porque eu perdi muito sangue e numa das vezes que eu me recuperei, alguém na sala disse: “mas ela é tão bonita e vai morrer.” Aí o cirurgião, depois ele me contou, aí eu disse: não, eu não vou morrer antes de ter meus filhos e rever meus amigos.” Disse que ele tomou uma força tão grande(...) daquela coisa que realmente ele disse: “Gerusa, olhe que a equipe toda estava ali, botando energia para você se salvar”. Engraçado que eu tinha o cabelo muito grande na época que eu tive o acidente e eu pedi a ele para ele não cortar o meu cabelo, mas eu estava cheia de cortes, e quando eu acordei, eu estava com duas tranças, aí ele disse: “Eu fiz uma coisa que a Ética Médica, os preceitos médicos..., eu suturei seu couro cabeludo sem

fazer, sem cortar seus cabelos. A maneira como você me pediu para não cortar seus cabelos foi um negócio que(...)“E ele suturou tudinho, tirou vidro por vidro, penteou tudo, fez duas tranças e me deixou... E depois eu soube que ele(...) eu tive muita sorte, ele reconstruiu o meu rosto. Ele disse: “eu só quero um retrato dela. Me mostre qualquer retrato dela para eu ter uma idéia de como ela era.” Ele, um cirurgião plástico que estava de passagem por Maceió, eu tive o acidente em Maceió, e estava visitando a clínica de um amigo que estava recém inaugurando a clínica, e ele passou e disse: “ôpa! É pôr aqui que eu vou ficar.” E ele fez a minha cirurgia e até hoje eu não sei quem é esse, esse médico que fez isso comigo. Realmente me recompôs, eu fiz cerca de sete cirurgias plásticas no rosto. Fiz um lábio-leporino muito grande, perdi os dentes posteriores no acidente, a pancada foi tão grande que eles pularam, o nariz deslocou todo, a sobrancelha encherada, quer dizer, ele fez uma coisa bem(...) ele realmente remodelou tudo. E engraçado que quem me conhecia antes, que não sabia que eu tinha tido o acidente, não notou muita diferença. Mas quem sabia que eu tinha tido o acidente, impressionante essa coisa, né? notou como eu estava diferente, mas as pessoas que me viram antes e depois, sem saber o durante, não viram muita coisa não.

GD - Mas enfim, é(...), e agora estou eu aqui(...)

TF - E você veio para o Aggeu como?

GD - Eu vim para o Aggeu através de uma pessoa chamada Alexandre Bezerra de Carvalho, que me chamou, eu e mais um grupo de pessoas que está aqui hoje, para fazer parte de um projeto, para a criação de antígenos estratégicos em doença parasitárias e logo depois a FIOCRUZ nos contratou, o Aggeu tinha quase ninguém e foi Dr. Guilardo que nos contratou e a partir daí eu comecei a minha evolução, e hoje a gente conseguiu(...) não só melhorar os pacientes de elefantíase até 90% sem cirurgia, como prevenir que outras pessoas a partir de hoje tenham elefantíase, nós conseguimos descobrir o que causa a elefantíase e hoje a gente tem o poder de evitar que qualquer pessoa hoje tenha elefantíase. Então isso foi uma coisa que virou o mundo de cabeça para baixo e através de água e sabão, chama-se: limpeza. E devo isso a minha avó. Ela que dizia: “Gerusa, saúde está na limpeza. Se você tiver a limpeza, 90% das(...) doenças não vão ter condições de proliferarem.” E hoje a gente com água e sabão, se vocês tiverem oportunidade, eu gostaria que vocês vissem um vídeo, que foi produzido pela OMS, que veio aqui, é bem curtinho. Eu só não estou com ele aqui, que eu levei(...) que minha filha sempre gosta de ver, de vez em quando ela pede: “Mami, traga para eu ver de novo.” E eu levei ontem para casa, mas eu deixo com vocês, vocês vão embora quando? Eu acho que você vai precisar desse filme, viu? É um negócio incrível.

GD - Então quando eu lancei a idéia no mundo, para você ver como são as coisas, o pessoal de fora veio aqui, fez um filme e lançou para o mundo todo. Hoje, eu sou a pessoa que mais recebo cartas de toda parte do mundo de pessoas com elefantíase. Eu tenho um sistema de resposta, cada uma delas tem resposta, e realmente a coisa mudou muito, nos últimos cinco anos sobre a doença. A gente revolucionou, a gente tá rescrevendo toda a doença. O capítulo de filariose no mundo tá sendo reescrito. Isso graças, eu acredito, a principalmente à determinação, eu acho que quando você realmente quer uma coisa, bota aquilo na cabeça e faz aquilo com seriedade e honestidade(...) A gente fez coisas, a evolução que houve nos últimos cinco anos são incomensuravelmente maiores do que nos últimos quarenta, para vocês terem uma idéia, com o mundo todo trabalhando, não conseguiu superar o nosso trabalho aqui.

GD - Então a gente teve a, depois de muitos anos, conseguir localizar o verme adulto vivo, hoje o diagnóstico parasitológico é possível um vivo. Enfim, a gente tá conseguindo remover esses vermes por

cirurgia de uma maneira altamente..., sem prejudicar o organismo do indivíduo. E eu acredito que é provável que eu não assista isso, mas eu acho que a vacina está garantida na próxima geração. A gente tá conseguindo, a gente tá abrindo os caminhos de tal maneira que eu acho que a gente tá chegando lá.

TF - (?)

GD - Nós conseguimos entre 50 a 90%, somente, somente com tratamento conservador. Sabe o que a gente descobriu? Que a elefantíase não é causada diretamente pela filariose. A nossa sorte foi essa. A filariose, ela predispõe a infecções secundárias. Ela causa uma lesão no vaso linfático e é o vaso linfático que retira as bactérias, tá certo? que normalmente a gente se expõe. Quando o vaso linfático tá danificado pela doença, as bactérias invadem e dão as chamadas erisipelas, as infecções, e são essas infecções que levam à elefantíase. Então a filariose foi culpada, né? entre aspas, durante muitos anos e o que era dado era remédio contra filariose. Então nenhum paciente evoluía bem. Todo mundo progredia para doença, independente das toneladas de remédios anti-filarioses que as pessoas tomassem, então aquilo estava botando..., Então, o que é que os cientistas disseram? Que é uma resposta imunológica que não tem jeito. Na hora em que o parasita entra e desencadeia a resposta imunológica, o homem não tem como frear isso, tá certo. Isso ficou um dogma. Se chamava ponto final. Ninguém poderia alterar o curso da doença. Hoje existe uma lei: Ninguém mais pode ter elefantíase. Nós criamos essa lei. Nós estamos educando e meu sonho é levar tudo isso para as comunidades. Eu quero fazer é o que nós chamamos de Clube de Elefantíase, que a gente já criou aqui; em cada comunidade tem um Clube da Elefantíase, e isso a gente vai difundir para o mundo todo.

GD - Então, a minha idéia, como os recursos são muito pequenos, e principalmente a burocracia, em termos de governo federal, é muito grande. Pôr exemplo, hoje eu trabalho num sistema de guerra. Eu trabalho dezoito horas pôr dia. Meu pessoal(...) é especializado e não tem como contratá-los. Eu tenho dinheiro para contratá-los, mas o governo não me dá condições para eu contratá-los. Eu tenho dinheiro, muito dinheiro do lado de fora e não está, não consigo manuseá-los. Então meu calcanhar de Aquiles se chama pessoal, porque é uma doença danada, é uma doença que a paciente cheira mal; a micro-filária só sai de noite, então você tem que trabalhar nas condições mais inóspitas, de criminalidade, de tudo, para ir nos lugares, coletar o sangue do doente. Tem que ser entre onze e uma hora da manhã, tá certo? No outro dia de manhã, você tem que estar aqui para processar o material, né? Não dá dinheiro, porque só quem tem é o pobre. Ninguém vai lhe pagar pôr isso, né. Então, é preciso realmente ter pessoas dedicadas e isso eu posso dizer uma coisa a vocês: que o que eu consegui reunir de equipe é o melhor do que vocês possam imaginar em termos de gente, melhor... Porque existe uma seleção natural, só fica quem é muito bom. Não é só muito bom profissional, é muito gente. Então a gente reunir essas duas qualidades, né? Para vocês terem uma idéia, mais de quinhentas pessoas passaram por mim. Hoje nós somos uma equipe fixa de cinco pessoas, fixas da FIOCRUZ. Eu trabalho com cerca de cinquenta pessoas emprestadas do Hospital das Clínicas daqui, estagiários, enfim. Então, meu sonho maior é a gente criar uma fundação, tá certo? E fundação foi uma coisa que pela burocracia está muito difícil.

GD - Existem muitos problemas burocráticos. Então, nós estamos trabalhando agora para criar uma Organização Não Governamental. E o negócio está tão(...) quando eu fui convidada em Genebra para expor essa parte da elefantíase, eles reuniram os doadores de dinheiro do mundo todo que alimentam a Organização Mundial de Saúde. E o que eu tive de potencial doação, quando eu mostrei o trabalho da gente, foi um negócio fantástico.

GD - Então eu pensei em criar realmente uma fundação e a gente ficar, poder receber esse dinheiro, poder empregar gente, poder ter condição de dar assistência melhor ao pessoal. Mas a parte burocrática

é tão difícil, tão trabalhosa, que eu ia ter que deixar a pesquisa e nessa fase, a gente tá numa fase muito crítica, eu não posso deixar a pesquisa agora. Se eu me afastar a gente perde um elo muito grande para o próximo passo, que seria o controle a erradicação da doença, com ou sem vacina, né. Então a minha idéia agora, quando eu tive em Brasília recentemente, era fazer uma organização governamental, não governamental) e eu acho que a gente vai começar pôr aí. É criar um sistema que eu possa receber o dinheiro e esse dinheiro(...) para vocês terem uma idéia, a gente tem o dinheiro, faz a(...) abre para as firmas virem para cá e um microscópio que custa 3.500,00 eu posso comprar em qualquer lugar, eu chego lá, com dinheiro, 3.500. O menor preço que foi licitado, pelas três firmas, foram 18.500 dólares.

Fita 2 – Lado B

GD - “...barganhar. A gente não pode fazer a coisa como a gente quer. Por outro lado, a gente pede, digamos um determinado material, talco para colocar nas luvas, pode ser o talco mais barato que tem, mas como eles fecham, aquelas firmas tem que fechar o todo, eles colocam o talco mais caro que tem e colocam o material que eu preciso, de qualidade, eles colocam de qualidade inferior, tá certo? porque o pacote é fechado. Quer dizer, é impossível trabalhar desse jeito. O ano fiscal é muito curto, a gente não tem, o dinheiro volta, a gente fica, a gente trabalha com doentes, eu não posso ter um intervalo de três meses sem dinheiro, para comprar a penicilina que vai ser dada no doente para evitar que ele tenha as infecções bacterianas, né, de repetição. Então o sistema é muito ingrato, muito ingrato, é muito difícil, fazer o que a gente fez não é mérito. Mérito é fazer o que a gente fez nas nossas condições, né, é treinar uma equipe. Hoje, nós somos o centro de referência internacional, vem gente de todo o mundo para cá, para aprender conosco, a gente praticamente, tá (...) nada se faz em filariose no mundo sem a nossa opinião. Nada, eles não mexem uma pedra daqui para lá sem que a gente tenha conhecimento e opine. Então é uma coisa que(...) mas o início foi realmente uma coisa muito duro, porque ninguém acreditava na gente, a gente(...) eu dava aula de noite para conseguir dinheiro para botar na pesquisa. O primeiro simpósio que eu fiz, eu paguei, eu passei quatro anos pagando dívidas, do meu bolso. Muito das pessoas que tem hoje aqui empregadas eu dividi o meu trabalho, o meu salário. Então todo mês eu dividia salário, salário e salário. Dava a cada um, porque o único defeito nas pessoas que estão comigo é que são pobres. É o único defeito que eles têm. Todos eles, sem exceção, vieram de famílias carentes. Mas com aquela garra, aquela vontade de vencer, aquela força de trabalho, incrível! Que aqui a gente só tem hora para começar e não tem hora para terminar. Então todo mundo aqui bate o tanque, menos o programa de filariose. Sábado e domingo, se você chegar, a gente tá aqui trabalhando. Porque o doente precisa da gente. A gente não trabalha com animal de experimentação. O nosso animal é o homem. Então os outros pesquisadores, eles podem programar. Então trabalhar com pesquisa clínica humana, são raros as pessoas que fazem, muito raros, porque o sistema mesmo é muito, muito difícil de se trabalhar, e uma pessoa que nos ajudou muito no início foi Morel. Morel realmente foi uma pessoa que, ele poderia ter nos ajudado mais, e ele sabe disso. Se ele tivesse nos ajudado mais, a gente estaria em muito maiores condições. Eu acho, que apesar dele ter ajudado, ele teve medo, tá certo, de investir numa pessoa desconhecida, sem Pós-Graduação, sem nada, louca de esperança. Eu tirei muitos exemplos dele, dos discursos dele. Morel foi um mito para mim. Sabe, ele realmente, o fato dele ser pernambucano e(...) apesar de(...) eu tive tão pouca ajuda, de tão poucas pessoas, que mesmo aqueles que me ajudaram muito pouco foi muito, dentro de um contexto. Para mim tirar da posição de deitada para sentada. Eles me ajudaram a ficar sentados. E nós nos levantamos sozinhos. Nós não tivemos ajuda, quer dizer, fomos pelos nossos próprios méritos que a gente saiu do sentado para ficar em pé. Então o mínimo, o que nós queríamos é que não atrapalhassem, já era o suficiente. Porque as pessoas, elas têm(...) a inveja humana é um negócio muito incrível, muito, muito incrível. E a gente trabalhar,

mostrar serviço, sem condições, machuca muito as pessoas. Então, eu tenho colegas aqui que são perfeitos, que dizem: “Se você me der condições, me der a bancada com as pipetas, com os reagentes, eu trabalho perfeito. Agora se for para montar a bancada, se for lá fora buscar a árvore, cortar a árvore para fazer a mesa, né? ir lá fora para buscar tudo, para preparar tudo, para poder trabalhar, eu não trabalho não.”

GD - Então, essa é a diferença, né, é já ter o peixe para você cozinhar, ou ir ainda pegar, buscar(...) pegar a árvore para fazer a vara para pescar. Então, mas eu acho que a gente não tem o que lamentar não. Eu hoje, eu agradeço a todas as pessoas que nos colocaram onde estavam, dos maiores que vocês possam imaginar, que cada vez a gente ficou mais forte. Então, hoje, para colocar alguma coisa na nossa frente, para a gente não poder evoluir, é preciso ser muito forte, porque fora isso, a gente(...) a gente realmente tem um conceito a nível internacional inabalável. A coisa foi construída de tal forma que pouco a pouco, pouco a pouco, né, lutando contra tudo, você sabe o que é chegar na frente da maior comissão e dizer: Olhe, a elefantíase não é causada por filariose não. E dos imunologistas todinhos bater assim na mesa e dizer: “Quem é você? Quem é você? Me diga quem é você, que vem aqui dizer uma coisa que os professores do mundo todo estão dizendo que você tá errado, que não é assim.” Olhe, e pouco a pouco a gente:” certo, vamos mostrar as evidências, isso mais isso é igual a isso.” E aos poucos eles começaram a se render e a coisa, hoje eu recebo, hoje mesmo eu recebi uma carta da Polônia, pedindo por tudo, para ter espécimes dos pacientes de elefantíase para poder estudar melhor o mecanismo, e...

TF - E essa doença aparece em vários lugares?

GD - Ela é basicamente, são áreas tropicais e subtropicais e dois terços da doença está na Índia. 120 milhões de pessoas doentes no mundo.

TF - E no Brasil?

GD - No Brasil, basicamente a gente tá aqui com Recife, o Grande Recife, nós descobrimos que a doença também existe em Maceió e dizem que Belém está sob controle.

TF - E no Sul, há?

GD - Não, tinha ano passado, parece que extinguiu-se. Eu acho que isso aqui se chama, é, o tesouro. Sabe que o fato da gente estar aqui na FIOCRUZ, numa área endêmica, a gente poder estudar a doença de uma forma pura e poder ajudar as outras pessoas no mundo. Porque, o que a gente pensa não é só, né, a nível de Recife, a nível de Brasil(...) mas se você estiver na Índia como eu tive e vi o que é sofrimento. O que é ser miserável e ter as duas pernas de elefantíase, o mal cheiro, vocês não podem imaginar, vocês não sabem necrotério, é igual! É cheiro de morte. São sinônimos. A pessoa é um morto-vivo ambulante. É uma coisa terrível, terrível, terrível. Você sabe o que é ter um escroto dum tamanho, porque a elefantíase que tem na perna, tem no escroto, tem no pênis. 80% da população masculina é afetada, das que tão infectadas. É muita coisa. Você sabe(...) que é uma coisa importante que nunca ninguém tinha descoberto, era a disfunção sexual que existia nesses homens, e pôr traz a(...) o desgosto das mulheres desses homens, né. Então, eu tenho hoje um homem com quarenta e sete anos que não se lembra o que é ejaculação desde os 20. Ele tem um pênis embutido pela elefantíase. Então, ele não consegue nem se masturbar. Então, é um negócio, tá entendendo, o sexo, ele faz parte da vida normal da pessoa, não pode ser abolido, não pode ser, é(...) tirado dessa maneira não. Então, é um negócio assim, terrível, terrível. A outra apreciação. Quando eu estive na República Dominicana, existe

lá um(...) as pessoas dizem lá que as pessoas com elefantíase ficam retardadas mentais. Simplesmente elas começam a involuir. E eu notava que as minhas pacientes aqui, eu só notei o significado do eu vi lá quando eu peguei minha paciente, tratei, e quando ela estava no hospital, ela disse: “Doutora, a senhora tem algum livro de Machado de Assis que eu possa ler?” Eu disse: “Machado do Assis não é uma leitura fácil não.” Ela disse: “Doutora, eu estou querendo viver de novo.”

GD - As mulheres começaram a estudar depois que elas saíram da, da fedentina delas, elas começaram a ter nova vida, os homens começaram a ter novas perspectivas, começaram a ter o que eles tinham perdido antes de ter elefantíase, pessoas normais. Então, eu vejo pessoas altamente cultas, que são tidas como débeis-mentais. A doença inibe de tal maneira a auto-apreciação e a cor, que você tem verdadeiros monstros. Você criou um sistema que, é, que não tem condição de nenhum hospital psiquiátrico absorver, não tem, tá entendendo? Então, eu estou vendo essa parte graças à minha formação de psicologia, eu tive condição. E uma coisa muito interessante, os homens, eles têm muita dificuldade de relacionar com profissionais do mesmo sexo. Então, por exemplo, o nosso urologista, a gente tem um urologista aqui, que graças a ele foi que a gente conseguiu muita coisa e eu detectei que a urologia era importante e conseguimos chamar uma pessoa, não é, e(...) e a competição é tão grande, não é, ele é um homem normal, o estudante de medicina que tá aqui é um homem normal, o meu assistente é um homem normal, eles não dizem. Na hora que eu me fico sozinha com eles, eles são capazes de dizer:” “Doutora, eu sou infeliz, eu não consigo gozar, eu não consigo, eu não sei o que é o orgasmo mais; eu não tenho, eu não sei, eu sonho, não tem condição, faz vinte anos que eu não tenho ejaculação.” Tá entendendo? Isso para cabeça de um homem, eu vou dizer uma coisa a vocês, é um negócio. “minha mulher insatisfeita, eu não consigo satisfazê-la, eu quero saber o que é que eu faço, por favor.” Muitos deles querem se suicidar, tá entendendo? o nível de depressão é muito alto. Então, isso é uma parte da filariose que nunca ninguém prestou atenção. É a morbidade mental que a doença causa nesses indivíduos. E vocês imaginem, um país como o nosso, na cidade como a nossa, que é difícil ter pessoas pensantes, atuantes, imaginem pessoas que você tem um nível de doença mental muito alta, causada pela(...) é expressão que a doença faz do ponto de vista corpóreo e mental, né. Então hoje, eu fui convidada pela OMS para fazer um projeto nesse sentido, que nunca ninguém, ninguém pensou antes, nunca, de ver a parte que está por trás, o sofrimento que existe pôr trás desses indivíduos. Então, isso é uma coisa muito importante, então os indivíduos, eles criam nova vida, eu não estou dizendo que o doente vem a pé, da onde ele estiver, ele vem a pé, ele não falta à consulta dele. O momento que tem de estar com a gente aqui é um negócio mágico, tá entendendo? E fazer, tratá-lo como ser humano, enfim, o meu, meu sonho é dar uma condição melhor para esses indivíduos. De transportar para comunidade, para que eles tenham a realidade deles, né? possam fazer realmente o clube deles, né. Tem muitas formas de expressão da doença, tem uma forma que você urina igual a leite, é branco igual a isso, tá certo? E se confunde, ele perde todas as reservas que ele tem, ele perde todas as reservas, então ele se confunde com um aidético. Entre ele e um aidético não existe diferença. Você olha é a mesma coisa, tá certo? Então a doença tem muitas facetas e é uma doença incrível. Na hora que você descobrir a relação parasito-homem, o que você vai criar para medicina, você vai tirar para medicina geral um negócio fantástico e ninguém nunca imaginou. O que o parasita consegue fazer no ser humano e o que o ser humano consegue fazer no parasita é uma relação que precisa ser explorada. Isoladas as substâncias a serem empregadas por exemplo em cardiologia, para enfarte, tá certo. Não coagula. A linfa não coagula no lugar onde os vermes estão. Coagula fora deles, mas no lugar onde eles estão não coagula. Não existe inflamação. O poder, a droga anti-inflamatória que esses vermes fabricam é muito grande, já pensou isso para as doenças (?), tá entendendo? Você poder, a pessoa com (?) abdematosos, com uma coisa...você poder dar uma substância que teoricamente, fisiológica, porque os doentes não têm outros problemas(...), né. Então é uma descoberta e(...) e eu sinto que a gente não tem condição de evoluir muito porque a gente não tem pessoal adequado e ao

mesmo tempo, existe os abutres estrangeiros, né, que a gente tem que ter muito cuidado para eles não roubarem da gente aquilo que por mérito é nosso e nesse sentido, eu sou muito bairrista, em termos de país. Eles menosprezam muito o Brasil e principalmente o Nordeste. O Nordeste, ele é muito desvalorizado; muito, muito, muito, então as pessoas daqui são consideradas, né; se a gente faltou um pouco de proteína quando a gente era pequeno, né, para desenvolver as células cerebrais, não significa que elas não estejam funcionando; eu acho, se a gente der o mínimo de condição, né, para isso, em todos os países subdesenvolvidos do mundo, não é só o Brasil não. Mas enfim, é(...) é um negócio(...) Mas aí, estamos com esperança total, está certo, de desvendarmos mais ainda, é(...) esses mistérios todos que a doença tem e extrapolar para a vida. O exemplo tão fantástico que essa doença nos deu de(...) é(...) se trabalha cinquenta anos e(...) os dogmas foram lançados, as pessoas aceitaram, simplesmente, unicamente pela falta de observação, de conviver com o doente. Você conviver com o doente, trabalhar com ele, à volta dele, eu tenho doente que tem dez anos aqui conosco e não nos deixa. Olhe, é um negócio impressionante. Então...

TF - E esses quadros (?), na perna (?) tem reversão?

GD - De 50 a 90%. Eu não consigo lhe dar 100%, porque é impossível, está certo? As mudanças já foram tantas nos tecidos, mas até 90% eu consigo reverter. É um negócio impressionante, impressionante. Ninguém acredita. Todo mundo me chama de ‘a feiticeira’ lá fora. O pessoal diz: “Essa mulher é feiticeira, essa mulher tá fazendo alguma coisa”; e achava-se antes que só com cirurgia, e cirurgia realmente a gente não tem condição e no nosso país é tão difícil a hospitalização. O paciente tem que ficar hospitalizado de seis meses a um ano. Eles têm que sobreviver. Eles têm família para alimentar. Não pode. Então, a coisa realmente, a gente deu pulos assim(...)e, eu acho que tudo isso foi conseguido pela integração multi-disciplinar, está certo? A gente saber que sozinhos nós não somos ninguém. Isso é muito importante. Isso eu aprendi em psicologia(...) que o todo, ele é muito maior do que a soma das partes(...). Então se você pegar o todo, ele vai ser, incomensuravelmente como bloco, muito maior do que se você pegar partes e somar. No final, não vai dar a mesma coisa, partes isoladas. Então isso eu aprendi e empreguei aqui, que sozinho, a equipe, cada um da equipe não vale nada, ou vale muito pouco, está certo? Mas o conjunto, que dá a fortaleza. Então, hoje nós somos uma verdadeira família, que você não pode imaginar o contexto, o envolvimento emocional que a gente tem. A gente se ama de um jeito impressionante. É um negócio assim fora do comum, fora do comum. Tem pessoas que tão aqui comigo, eu tenho exemplo de uma pessoa que tá aqui comigo, financeiramente acabada e tudo. Passa necessidade, um negócio, e disse “Daqui eu não saio, é a minha felicidade, eu não troco isso por nada.” É o prazer que eles sentem em começar a trabalhar vir para cá. Então, isso mostra tudo, tá entendendo? Quer dizer, você faz aquilo pelo prazer de você fazer bem feito, de você fazer; não é por obrigação, é você estar realmente envolvida na coisa. Então, eles estão muito entusiasmados com a idéia da Organização Não-Governamental, e eu acredito que isso vai ser um passo importante para filaríose no mundo. Não só aqui para gente, mas para filaríose no mundo. E eu acredito que a gente vai conseguir muitos doadores. A gente vai conseguir montar um sistema impressionante(...) de ação comunitária na doença(...) Então eu acho que(...) não é(...) se eu pudesse falar um pouco mais da doença, quer dizer, se a coisa fosse mais científica do que(...) científica e emocional como foi(...) eu acho que vocês compreenderiam(...) pudessem compreender melhor a importância do trabalho da gente, que foi feito. Você poder visualizar o verme adulto e poder pegá-lo pela primeira vez no mundo, ver a carinha da fêmea, tá entendendo? que nunca ninguém pensou como ele era(...) poder(...) mudar tudo.

TF - E porque (?) o investimento (?) é isso?

GD - Não. Eu vou lhe dar um exemplo. Quando eu fui fazer essa palestra nos Estados Unidos, eu fiquei muito chocada porque um americano se levantou e disse: “Eu odeio você.”(...). Todo mundo ficou tão chocado que, na hora, eu comecei a entrar em pânico, depois eu digo: Não, esse cara deve vir com alguma coisa importante para dizer. Dizendo: “Olhe, nós trabalhamos com ressonância magnética, que custa 1.000,00 dólares por paciente, e nós não pensamos numa coisa tão simples que é o ultra-som.” Então repare, na realidade(...) o pessoal, ele complica demais(...). Então, eu acho que a resposta, a natureza dá a resposta nas coisas muito simples. Eles não tiveram a paciência da observação clínica. Todo o nosso trabalho foi construído, quem me disse foram os pacientes, foram eles que me disseram tudo, não fui eu que inventei nada. Então, quando eu dava um tratamento, o cara formava uma reação inflamatória na região escrotal. Eu dizia Bom, a droga matou, deixa eu tirar esse pedacinho para ver o que é que tá acontecendo; a gente biopsiava e estava lá o verme adulto morto. E em muitas ocasiões, vinha verme adulto morto e verme adulto aparentemente normal. Aí o patologista, né, disse: “Não Gerusa, esse verme vai morrer ainda, ele tá em processo de morte, mas ele vai morrer em consequência da droga.” E eu fiquei chateada. Porque eu biopsiava os doentes em intervalos bem diferentes e o verme continuava lá vivo, pacientes diferentes, mas teoricamente(...) eu digo: Esse verme não vai morrer não, é? Então eu pensei, se eles, se tem morto e tem vivo, né, quer dizer, aparentemente vivo, deve ter alguma coisa aí que eu tenho que localizar. Então, qual foi a minha? Durante quatro anos eu tentei convencer os ultra-sonografistas a fazer uma ultra-sonografia escrotal e eles diziam: “Tecnicamente, ultra-som não pega” E, eles só queriam pacientes com elefantíase e hidrocele, já com patologia, eu digo Mas aí o verme já morreu, você não vai localizar o verme! Então eu passei quatro anos batendo na porta. “Lá vem Gerusa, fecha. Diz que eu não estou.” Até que um dia, veio uma doente para mim, mandada pôr um ultra-som com um ultra-sonografista. Eu digo: Não tem problema, eu atendo. Agora, você vai ter que atender os meus doentes. Ele disse “Mas Gerusa...”. Eu digo: “Não tem problema”. A gente fez no Hospital da Restauração às onze horas da noite, que era a hora que a urgência começava a acalmar. Eu fui assaltada três vezes no Hospital da Restauração, eu ia com os meus doentes, aqueles marginais todos(...) levaram até meu tênis, e eu feliz da vida: leve meu filho, tome. Fui assaltada não sei quantas vezes. Meu carro bateu o, o motor. Olhe, um negócio assim. Ainda metade do meu salário eu coloco aqui dentro, ainda hoje. Aí, quando o cara botou que eu vi a imagem, eu disse: É isso. Ele disse: “Gerusa, isso é nada. Isso não pode ser um artefato.” Eu digo: “É isso que eu estou procurando. É isso que eu sonhei na minha vida, eu vi nos meus pensamentos quando eu estava examinando os doentes, é isso que eu quero Eu sei que era um ‘é e não é’, aí eu disse: Doutor urologista, vamos tirar o verme! Ele disse: “Gerusa(...) eu não entendo o que você está falando, mas eu confio em você.” Aí eu perguntei: Quantas vezes já se explorou essa região? Ele disse: “Que eu saiba, eu não conheço.” Mas o urologista da gente é muito bom. Ele disse: “Eu visto a camisa de vocês.” O negócio é tão fantástico. E ele fez cirurgia, confirmou os vermes adultos, validamos o ultrassom para diagnóstico, já veio gente para cá aprender como é que se tira, A gente já foi para lá consolidar na Índia os (...) achados; e veio aqui uma equipe americana e disse, agredindo a gente e disse: “Nós somos países de primeiro mundo, nós trabalhamos com ressonância magnética, nós usamos ultrassom de última geração e a gente não consegue ver o verme e vocês conseguem. Pôr que?” Aí eu me levantei e disse: Isso se chama seleção de paciente, você só pode ver o verme onde o doente tem o verme. Então, se você não souber selecionar o paciente, você não pode ver. Então, você tem que ser antes de tudo, médico; para poder selecionar os doentes. Então, quando nós mostramos o vídeo, que ele viu, ele se levantou e disse: “Eu estou plenamente convencido da nossa ignorância(...)nós(...) vocês venceram.” Quer dizer, tudo foi baseado na observação clínica. Tudo. Foi o doente que nos disse tudo, desde o início, tudo, tudo. A gente só teve a perspicácia de poder perceber, a sensibilidade de poder perceber. Mas foram eles que me disseram tudo. Então o doente realmente é a fonte de tudo, né? O médico, é uma pena que hoje esteja se perdendo que, basicamente o médico faz o diagnóstico pelos exames laboratoriais. Ele hoje não sabe mais dizer: ‘a primeira hipótese de diagnóstico é isso’ e pedir os

exames só para confirmar o que ele está dizendo. Ele não, ele primeiro pede os exames para saber o que é que o paciente tem. Imaginem o gasto. Enfim, coisas assim incríveis muitas vezes se confunde tanto e não acerta. Então na realidade, é(...) a coisa (...) realmente funcionou e nós tivemos sorte de contar com pessoas excepcionais, de coração e excepcionais de capacidade profissional. Então o nosso patologista é o único patologista no mundo que faz pesquisa prospectiva em filariose. O nosso urologista é o único do mundo que faz, o único, você sabe o que é ter um único profissional no mundo todo, com essa população estúpida de profissionais fazendo pesquisa? Ele é o único que faz pesquisa prospectiva em filariose(...). Então(...) vocês vejam como a gente tem tesouros, né, que tem que ser mantidos, esses homens têm que ser motivados. Essas pessoas têm que ser motivadas; então meu maior mérito em tudo isso é manter as pessoas motivadas para trabalharem. Então não é o fato de eu ser uma profissional melhor ou pior, não. Nisso(...) eu faço questão do reconhecimento: é manter a motivação das pessoas. É massagear o ego delas e descobrir qual é a área de talento de cada um e investir neles. Proporcionar condições físicas e emocionais para que eles fiquem satisfeitos e trabalhem da melhor maneira possível. Então, é(...) são as injeções de incentivo em cada minuto que passa. Ontem eu estive no laboratório e o laboratório estava impecável de limpo. Então, esse é o tipo de elogio que tem que ser feito. Chegar lá e dizer: Olhe, fiquei encantada com a maneira como você trabalhou no laboratório ontem., tá entendendo? É dar o reconhecimento, é o *feedback* de você fazer e sentir que alguém viu ou que alguém se importa e aquilo é importante para que o trabalho fique bem feito. O trabalho dos outros(...). Então é um exemplo incrível, sabe? eu queria, talvez você não possa nessa oportunidade, mas se, Montenegro, você pudesse conhecer a equipe, seria uma coisa fora de série, sabe? Eles realmente são pessoas extraordinárias, extraordinárias. É(...) fortalecê-los é uma obrigação minha; é(...) reconhecer o especial que existe em cada um deles e tocar o barco para frente, e pelas dificuldades, eles já teriam desistido a muito tempo, se não fosse a força motriz maior, né, que os move, mostrando que eles não estão aqui só para respirar e reproduzir. Eles têm que deixar alguma coisa, e isso eles compreenderam, não é, um trabalho bem feito e(...) Enfim, a formação esse...

Fita 3 – Lado A

Introdução:

AM - “...Entrevista com Geresa Dreyer

GD - Bom, vou ver se consigo retomar.

AM - Você estava falando do imortal.

GD - É, o conselho da imortalidade eu descobri isso com a equipe que nós formamos. É através da continuidade do seu trabalho que você realiza é que você realmente se torna imortal. Eu acho que(...) na hora que eu compreendi isso a equipe já estava engrenada e(...) eu senti que realmente(...) não é necessário geneticamente(...) você se tornar imortal por filhos, netos e bisnetos. Não, isso aí eu acho que na realidade a corrente pode ser facilmente interrompida, né. O conceito(...), mas(...) é(...) e cada um dos membros tem incorporado esse tipo de coisa. Então talvez o sonho da imortalidade, da vida eterna foi(...) é(...) digamos, resumido no sentido de você ter um trabalho e fazer dele, conseguir ter pessoas que dêem continuidade e essas pessoas são escolhidas de tal maneira, que na certeza, elas não vão quebrar o elo. Então eu acho que(...) eu, desde que eu compreendi isso eu fiquei preparada para morrer. Então eu acho que meu trabalho, é, não vai sofrer solução de continuidade. Que eu tinha muito

medo de morrer e deixar a coisa pela metade. Então hoje, eu estou realmente segura de que nós vamos chegar ao chamado produto final, é, que constitui o significado maior da vida, é você começar e terminar uma tarefa. Esse foi outro conceito muito impregnado que ficou na minha vida. Significa você finalizar. Então, uma coisa que mais gratifica a equipe hoje é a gente finalizar as tarefas. Então, a gente tem(...) é(...) processos contínuos, mas dentro dessa continuidade do trabalho de pesquisa, a gente sempre finaliza, então a gente finaliza durante o dia, a gente finaliza semanalmente, mensalmente, anualmente, e a gente agora tá completando no próximo ano, dez anos de programa. E a gente tá, é, sonhando com um encontro fora de série, onde a gente vai reunir as principais(...) pessoas no mundo que possam compartilhar com a gente nesse aniversário, dessa descoberta e vai ser realmente uma celebração. A gente vai celebrar, é, o, a coesão de um grupo, não é, que juntos puderam construir tanto e a partir daí oficializar a imortalidade do processo, através de dar conhecimento às pessoas de que isso vai ser para sempre. Isso não implica que a gente um dia a filariedade vai acabar porque nós vamos acabar com a doença e nós vamos partir para outras áreas. Então já tem áreas, alvos que a gente já identificou e que nós vamos partir para uma segunda doença, depois que a gente tiver organizado a doença filarial no mundo, para que o homem receba um produto final e fique livre dessa doença tão estigmatizante, né, que mexe tanto com a cabeça da gente. Então, e esse conceito, quando eu digonós, é que uma vez que eu me tornei imortal, entendeu, eu vou estar aqui com eles para sempre, com a equipe toda que vai ficar aí para trás, é(...) e o mérito maior, talvez a grande projeção que a gente tenha tido foi ter tido o privilégio de conhecer e conviver com uma pessoa fantástica, chamada Amaury Coutinho. Amaury Coutinho, ele tinha se aposentado, estava em casa, já com uma série de reações pelo grande número de remédios que ele estava tomando e nós fomos buscá-lo em casa dizendo que(...) o cérebro dele era muito precioso, ele foi a primeira pessoa a descrever uma forma muito rara da doença a muitos anos, chamada eusonofilia pulmonartropical, e ele como pioneiro disso aqui no Brasil, a gente não poderia deixá-lo de fora, deixar que ele não compartilhasse conosco da(...) dessas descobertas e nós conseguimos convencê-lo, ele veio para cá e foram seis anos de convivência a mais promissora, é, que vocês possam imaginar. Um homem com setenta anos, que tinha a cabeça mais brilhante que eu já conheci na minha vida, apesar do corpo, né, natureza ingrata, safenado e(...) enfim, com todos os problemas que o peso dos anos trazem, mas com a cabeça muito..., muito boa! E de uma sabedoria inigualável. E ele foi realmente nosso abre-alas. Foi ele que começou a, é, desbravar o terreno espinhoso, para que a gente atrás dele pudesse aparecer, pudesse realmente fazer o nosso caminho. E ele com o seu prestígio e respeitabilidade conseguiu nos projetar, não é? Ele realmente reconheceu o valor da equipe, independente da nossa ausência de pós-graduação. Então, ele é uma figura extremamente saudosa(...). Nós o perdemos no dia 16 de abril(...) de 95 e realmente numa fase(...) mas pelo menos ele conseguiu ver, ele conseguiu ter nas mãos o conhecimento e vislumbrar o futuro. Ele nos deixou em pessoa, mas o trabalho dele(...) ele também se tornou um imortal através da gente, não é. Então ele conseguiu criar uma equipe(...) com respeitabilidade, madura(...) e a troca foi muito grande entre ele e nós, uma pessoa muito rígida e que no final é a pessoa mais doce do mundo que aprendeu depois de tantos anos pedir desculpas e dizer que estava errada. Uma pessoa, é, que na sua experiência de vida ele encontrou poucas pessoas na vida que pudessem desafiá-lo e a equipe conseguiu desafiá-lo de uma maneira extremamente positiva e construtiva e nós crescemos muito juntos. Eu posso dizer, sem sombra de estar errado que apesar de seus setenta anos ele ainda conseguiu aprender muita coisa conosco em termos de vida. Em ciência, participou, compartilhou, é, lado a lado, mas em termos de experiência de vida eu acho que ele viu, ouviu coisas que ele nunca tinha passado antes em termos de integração, de motivação, de emoção aqui conosco. Então, é(...) foi realmente um privilégio, eu acho que(...) foi realmente um presente realmente que toda a equipe recebeu de ter chance de conviver com ele durante esse período. E as pessoas perguntavam o que é que nós fazíamos com ele porque a vitalidade dele cerebral era tão grande que, a motivação de vir trabalhar, de viajar, de ler, discutir, de participar, foi um negócio que, igualável na sua juventude. Então nós conseguimos, né que ele

renascesse(...) do ponto de vista de motivação realmente, ele viu que tinha muito a se fazer, que ele podia contribuir muito, principalmente, com a alegria, com a motivação dele de incentivar, de(...)então é uma figura muito saudosa e que(...), mas(...) hoje a saudade existente, mas é uma saudade confortável, uma saudade gostosa, não é, que é o curso natural das coisas. A natureza, ela dá e tira. Mas nós conseguimos burlar essa retirada da natureza, né, total, ele saiu em pessoa física, mas os ensinamentos, a figura dele realmente permanece e vai ficar para sempre. Amaury Coutinho, os novos que não o conheceram pessoalmente já conhecem a sua obra, né, e já o respeitam, e já passam a falar nele como uma pessoa que já fosse de intimidade.

GD - Então, eu acho que isso é o conceito de imortalidade, eu acho que a gente conseguiu passar a perna na natureza.

TF - Você acha (?) sentimento, essa afeição pelo trabalho, ela é, ela chegou a contaminar ou ela é (?)

GD - Não, eu sinto, é impressionante como o(...) é(...) a pessoa que tá na portaria, o motorista, a pessoa que trabalha na cantina, o leixista que faz a manutenção, é impressionante como eles vestem a camisa da gente, como eles realmente são contaminados pela(...) é pela(...) pôr esse ar que a gente produz ao redor. O pessoal de compras, pôr exemplo, eles passam da hora, o que vocês imaginarem que eles puderem fazer para nos ajudar, eles ajudam.

TF - (?)

GD - Existe, quanto mais elevado o nível das pessoas, mais existe a diferenciação. Existem pesquisadores que realmente, é, a gente sente que compartilham conosco das coisas. Mas existe outros que eu acho que talvez por um mecanismo de defesa, não sei, preferem se manter distante do que tá acontecendo e as críticas são muitas. Principalmente, eu sou uma pessoa que não sei viver, eu sou uma pessoa escrava do trabalho, é, eu sou uma pessoa que eu poderia, é(...) ter um nível de vida melhor, só que eles não entendem que a minha felicidade o meu prazer não está em ir para uma festa e dançar a noite toda, passar a noite acordado. A minha felicidade está em passar a noite acordada fazendo trabalho, diagnosticando doente. Quer dizer, as escalas de valores, elas são diferentes. Então, a felicidade deles, o que eles sentem em entrar numa boutique e comprar uma roupa cara, né, eu fico muito feliz com o meu tênis e a minha calça *jeans*. E aquele dinheiro, quer dizer, a minha felicidade é pagar uma publicação pôr exemplo, é pagar o remédio do indivíduo que não chegou. Então são escalas de valores diferentes. Mas na grande maioria existe o que você disse. As pessoas, elas são sensitivas de uma maneira ou de outra. Mas eu acredito muito com um mecanismo de defesa as pessoas procuram esconder o sol com a peneira, está certo? Talvez por(...). Tem pessoas, pôr exemplo, que se projetam na gente sem nenhum problema e ficam felizes: “Gerusa, eu queria ser como vocês são, eu queria ter a equipe que você tem.” Mas, é, a natureza humana, ela é muito(...) isso é que dá a coisa bonita do ser humano que é, o(...) digamos, a complexidade deles é que dá exatamente a beleza do relacionamento humano, é você descobrir, né, as coisas ou as pessoas que tem a capacidade de sentir a magia do processo, né. Porque tudo isso é uma mágica. Se a gente pensar que a gente nasceu e amanhã o coração vai parar e tudo vai acabar, né, a gente entraria em desespero. Então, você viver intensamente aquele momento, aquilo que você gosta de fazer, aquilo que você quer fazer é privilégio de poucos. Poucos pesquisadores são felizes na realidade com o que eles fazem. Eles vêm para cá para cumprir uma obrigação, não é. O pesquisador hoje, poucos são aqueles que os são por talento. Como nós temos um sistema distorcido no país que não tem emprego, que obriga o indivíduo a fazer pós-graduação para sobreviver. E essa pós-graduação, depois, implica em você fazer pesquisa; o pesquisador, ele não está mais nato. O sistema criou o pesquisador artificial, a pessoa que se dedica, ou o profissional artificial,

ele é empurrado para determinadas profissões porque a sobrevivência lhe é mais fácil. A sobrevivência lhe pode ser melhor alcançada. Então, e realmente eles dizem: “Gerusa, o seu dinheiro no final do mês não vai modificar, você vai receber a mesma coisa se você trabalhar 4, 8, 16 ou 18 horas por dia. Então não se mate tanto, viva a sua vida.

GD - Então, é(...), mas só que eles não compreendem. Agora, o que realmente existe, e que a gente nota é a pontinha de inveja isso realmente, isso existe na coisa e até certo ponto ela é salutar. Ela não é ruim de todo. Ela assim bem dosada, e(...) é um dos sentimentos do ser humano e ele tem que ser respeitado. Então a gente procura na medida do possível, é, tentar contornar essas coisas, tentando cortar as arestas e as malícias, não é? as pontas de lança que são tão enviadas, às vezes propositadamente e outras não. Mas isso às vezes cria a gente um pouco de rudeza. Para a gente sobreviver, a gente tem que também que reagir. A gente não pode(...) porque se alguém vai entrar nos teus domínios e vai impedir que você faça pesquisa, impedir que você(...) uma das coisas que mais me constrange, do diretor a algumas pessoas acham muito feio e ridículo os pacientes de elefantíase ficarem aqui esperando. É feio para a instituição. Então isso é uma coisa que eu ainda não dei resposta à diretora nem dei resposta às outras pessoas que(...) essas pessoas têm direito a um espaço, a um lugar, e aqui é a acolhida deles, né. Foi aqui que foi criado o sistema para eles. Então, se é feio, o doente esperar desse lado, né; mais feio ainda é o doente ter a doença. Então, ao invés de você reclamar que o doente tá aqui com elefantíase, você procure ajudar para que se evite a elefantíase. Então, esse tipo de coisa, a gente sente muita discriminação nesse sentido. É muito desagradável ter o doente, a coisa realmente gritante, é grotesca. Não é fácil você para digerir não. E aliado ao mal cheiro que esse doente exala é muito difícil. Então as pessoas se chocam, são imediatistas, né. Então eu acho muito desagradável e muito feio. Então esse é um preconceito muito grande que a gente sente aqui no próprio centro de pesquisa. As pessoas se sentem incomodadas com o doente, eles realmente, eles incomodam, né. Então, elas preferem fechar os olhos e não ver, para elas é fantástico. Então, como eles têm que passar por aqui para ir ao laboratório, para eles seria muito melhor que a gente ficasse num quarto de trás, né, e eles não tivessem acesso. Eu acho que não deve ser assim, eu acho que a realidade tem que ser enfrentada, não pode ser escondida, né. Se ela existe, ela tem que ser mostrada. Então, isso é uma das coisas, talvez seja o ponto principal, talvez da minha maior tristeza aqui no centro, que desde a pessoa mais graduada até a pessoa administrativamente, talvez até inconsciente, ela diga, eu acho que ela não tomou consciência disso, ela diz, como outras pessoas também, que é feio, que é ruim, que não é bom para o centro o doente estar à vista. Então, essa basicamente, talvez seja a limitação do nosso trabalho. A gente contamina os indivíduos não só com motivação, com alegria, mas também contamina eles com vergonha, tristeza, com discriminação. Então, isso existe. Esse, esse, paradoxo, ele existe. E é compartilhado por todos que convivem ao nosso redor. Isso, isso é uma aprendizagem, eles também não têm culpa total, digamos, eles, se eles tivessem um membro na família que tivesse afetado, tivesse elefantíase, eu tenho certeza que eles não agiriam dessa maneira. Então, talvez um pouco de, é(...) necessidade, de é(...) enfrentar melhor a situação nunca foi requerido da parte deles, né, eles não tiveram culpa da natureza não ter solicitado deles tanto quanto das outras pessoas. Mas enfim, isso praticamente é..., sua pergunta foi extremamente inteligente e de uma conotação muito profunda, muito profunda! E eu não sei a quantos pesquisadores você fez essa pergunta, ou quantos responderam dessa maneira. Mas realmente, isso é uma coisa, eu acho que faz parte do próprio processo da vida, significa os antagonismos, são os equilíbrios, o ying e o yang, que eles chamam, sei lá, né? os prós e os contras; é o positivo e o negativo, então eu acho que isso faz parte do contexto da vida e a gente não poderia ter a alegria, de ter uma pessoa sensível, talvez se todo mundo fosse sensível, a gente não tivesse o contraste, né, da diferença e pudesse apreciar as pessoas, é, que realmente enfrentam a coisa de uma maneira diferente e se contaminam, se motivam. Então, é, eu acho que do ponto de vista de instituição essa foi a pergunta mais importante: de como o processo reflete. Como existe a dualidade do sistema da ação e da reação,

isso realmente é do jeito que eu lhe disse, é a minha experiência de vida, é o que as pessoas me passam. Então talvez, é como eu lhe digo, o ponto mais importante da entrevista, do ponto de vista da instituição tenha sido este. Desse contraste, do conflito que existe. Então, eu acho que você conseguiu fechar com chave de ouro.

TF - Você fechou!

GD - Não, eu não, foi você que foi em cima do ponto realmente que traduz todo o sistema, toda coisa. E essa ambiguidade se reflete na reação das pessoas com a gente, talvez até de uma forma inconsciente de evitar que o doente chegue aqui mal cheiroso, tá certo? Nos atingir de tal maneira, não nos dando(...) criando problemas com espaço, certas regalias que a gente teoricamente tem, tá certo? que a gente precisa ter em função do doente, não é. Então são dois pesos e duas medidas. Então eu acho que isso, eu agora, você me deu, me proporcionou um *insight* que eu não tinha percebido antes, não é? A(...) quantas arestas são criadas e quantas coisas são tantos obstáculos são colocados pêlos próprios pesquisadores para que o nosso trabalho flua, né. E hoje, eu compreendi pela sua pergunta que isso talvez seja um bom caminho de defesa, em termos de proteção, da imagem tão, tão grosseira e tão cruel que são os doentes aqui e o que representam para eles, talvez a própria missão deles, né, de trabalhar com alguma coisa, extremamente, como uma molécula que daqui a 150 anos não vai ter nenhuma reversão, digamos, para o ser humano, né. Então, pelo menos, com uma coisa a gente fica satisfeita, a gente vê que nós ainda somos felizes porque durante a nossa estada aqui na terra, embora eu não acredite na vida eterna, minha eternização eu já disse a vocês como é, eu acho que o coração parou, acabou, eu sou muito(...) é(...) eu não tenho nenhum, eu não acredito em vida extra, pós-morte e(...) eu acho que a energia gerada é aquela que fica aqui, está certo? É aquela que você viveu e aquela que você vai deixar, é a continuidade do processo.

GD - Então eu acho que, talvez essas pessoas até que acreditam nessa pós-vida seja um mecanismo de defesa, de, digamos, ter uma explicação, poder com que mais pessoas fiquem no mesmo nível, está certo? de não deixar alguma coisa palpável. E enfim, é a natureza humana com suas coisas boas e coisas ruins, é isso que faz o homem, tão, digamos, atrativo, realmente o relacionamento humano é um negócio fantástico, fantástico! E talvez seja pôr isso que eu me dei tão bem com os doentes, e não quis trabalhar com camundongos, não é? Para se comunicar com camundongos, eu acho, a interação, eu gosto muito de ser cobrada, de ser, é(...) desafiada. Eu gosto muito, eu adoro quando um estudante chega para mim e me diz: “Doutora, a senhora está errada”. Graças a Deus eu vou crescer, meu Deus. Então as coisas são muito importantes, ter pessoas que contra-argumentem com você, que não aceite simplesmente, simplesmente dizer: “Não, porque foi Gerusa que disse” E a gente vai aceitar? Muito pelo contrário, contra-argumente.

GD - E, enfim, é como eu disse a vocês, hoje eu estou preparada, porque eu não estava no início do programa, no meio do programa, hoje eu estou preparada, eu posso(...) o coração pode parar a qualquer momento sem nenhum problema. Sem nenhum problema, eu não me preocupo com isso, porque eu me preocupava muito em deixar meu trabalho não terminado. Hoje eu sei que(...) ele não é terminável e ele não vai ser interrompido. Então, eu estou(...) as diretrizes já estão todas lançadas, a equipe entendeu, as pessoas sabem que o efeito multiplicativo, ele existe e ele vai ser continuado, não é. Então, a coisa está(...) a paz realmente tomou conta do corpo e da mente. Eu acho que, e a paz do espírito, não existe sensação melhor para o ser humano, se chama: paz do espírito. Não existe dinheiro, não existe a chamada felicidade, não existe a chamada, nada, nada, nada! Nada, nada é igual! Nada que a chamada paz do espírito, e eu acho que eu estou nessa fase, de paz do espírito, em paz, como pessoa, como profissional, como mãe, como amiga(...) né?(...) está feito.